

ANDRÉ COMANCHÉ



OGRA TA THE MUNDY WOT
THE APPRENTICE A
MORTE

LEARNING TO LIVE WITH THE MUNDY WOT THE APPRENTICE A



ANDRÉ COMANCHE

O DIA EM QUE MINHA VÓ
me APRESENTOU a
MORTE

CONTOS DE AVENTURA E MISTÉRIO BASEADOS EM FATOS *quase* REAIS

Copyright © André Comanche, 2019.

É vedada a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização, por escrito, do autor, segunda a lei de Direitos Autorais, n. 9.610/98.

REVISÃO

Gustavo Aragão Cardoso | gustavo.a.escritor@gmail.com

Isabela Moraes | isabela.moraes@outlook.com

ILUSTRAÇÕES

André Comanche

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Marcus Pallas

DIAGRAMAÇÃO E-BOOK

Sara Vertuan

IMPRESSÃO

Infographics

C728d	Comanche, André.
	O dia em que minha vó me apresentou a morte: contos de aventura e mistérios baseados em fatos quase reais. / André Comanche. - Aracaju: Infographics, 2019.

	102p.: il. ISBN: 978-85-9476-190-3
	1. Narrativas- Contos misteriosos. 2. Contos- Aventura. 3. Mistério-Contos. I. Título.
	CDU: 821.134.3 (813.7) - 312.4

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães
Vasconcelos Santos CRB-5/975

Texto revisado segundo o
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

SUMÁRIO

O dia em que minha vó
me apresentou a morte

As sombras na cidade antiga

Todo sítio tem mistério

A arma do velho

Tem um dinossauro morando aqui

Um portal no quintal

AGRADECIMENTOS

O livro que você tem em mãos é um registro — um tantinho fantasiado — de episódios peculiares da minha infância. Agradeço a todos que fizeram parte disso tudo, de alguma forma.

À minha esposa, pelo amor e apoio de sempre.

Ao meu enteado, por ser meu primeiro leitor.

Aos meus pais, pela melhor infância que uma criança pode desejar.

Aos meus avós, por serem uma fonte pulsante de inspiração eterna.

E a todos os personagens reais que engrandecem as páginas que seguem. Vocês foram e são partes da minha vida. Por fim, agradeço ao menino extraordinário que eu fui, por me legar tantas aventuras e memórias sensacionais. Eu prossigo buscando sempre te deixar orgulhoso das coisas que faço hoje, como adulto.

APRESENTAÇÃO

“Formiga enxerga tudo gigante”, disse um poeta certa vez. Crianças também veem as coisas dessa forma. Uma poça vira um lago a ser atravessado. Um prato de sopa parece ter o tamanho de uma caixa d’água. O grito de uma mãe furiosa é tão estrondoso quanto o rugido de um Tiranossauro Rex. Tudo é maior e mais misterioso.

Quando eu era garoto, o quintal de minha avó parecia infinito. Seu canteiro de plantas era como uma reserva de Mata Atlântica. As lagartixas que viviam lá me pareciam dinossauros. A grande goiabeira que ficava ao centro de tudo era do tamanho do Pé de Feijão da história de João e o Gigante. Aquele quintal era feito um mundo. Aquele quintal era minha Nárnia. E, nele, nasciam os sonhos que moravam na minha cabeça. Lá eu me tornava um paleontólogo, um explorador de cavernas ou um mago poderoso. Um caçador de dragões ou até mesmo o próprio dragão.

Os contos que você agora tem em mãos são dedicados ao menino que eu fui. O menino que se criou nesse quintal. E, hoje, adulto, percebo como sou uma formiga perto da infância gigante que tive. Cada narrativa, presente neste livro, foi baseada em episódios, personagens e locais reais. Bom, é verdade que eu acrescentei uma dose de mistério aqui, uma pitadinha de

terror ali, para deixar tudo mais divertido. Mas a essência é verdadeira. O livro tem cheiro de terra de sítio, molhada depois da chuva. Tem o gostinho doce de uma carambola madura. Tem a textura macia do pelo de um cachorro de estimação. Espero que você se sinta aninhado no colo de sua avó, louco para ouvir um punhado de histórias... digamos assim, bem peculiares.

PREFÁCIO

O ato da contação de histórias é vital para o homem, desde os tempos mais remotos e primordiais, quando se buscava expressar os sentidos da vida, sanar as dúvidas no tocante às angústias humanas, mas também transmitir experiências. As narrativas desfiadas pelos contadores de histórias, aqui representados na pessoa do André Comanche — este brilhante cartunista, contador de histórias e ilustrador — são verdadeiros passaportes para uma vida cheinha de descobertas e conquistas.

Contar ou ler histórias coloca o homem diante de si mesmo, do outro e do mundo, daquilo que o identifica humano, estimulando-o a ir além da própria existência e a resolver seus conflitos interiores quando do contato com o universo mítico-simbólico das histórias, transmitidas de geração a geração, por meio da tradição oral.

Neil Gaiman, escritor britânico, sintetiza a essência da leitura dizendo: “um livro é um sonho que você segura em suas mãos.” É envolto, nessa atmosfera de sonhos e símbolos humanos, que o homem encantado tem despertado seu interesse pelo mundo maravilhoso das histórias universais, sejam elas mitos, lendas, contos maravilhosos, de fadas, de mistérios e assombrações, de aventuras, dentre inúmeros outros, que o embalam em rede

mágica, que povoam o imaginário da coletividade e detonam transformações maravilhosas na vida do homem. Segundo um estudioso chamado Mircea Eliade, em seu livro sobre *Mito e Realidade* (2013), “o mundo ‘fala’ ao homem e, para compreender essa ‘linguagem’, basta-lhe conhecer os mitos e decifrar os símbolos” (p. 125).

Ao escavar o universo das histórias contadas por André Comanche nos deparamos com aquilo que tece a infância, mar de símbolos, que guardamos dentro de nós, que grita brilhante em nossos olhos. Comanche, com maestria, estimula em nosso imaginário histórias que nos fazem viajar no tempo e voltar a perceber o mundo com olhos e sentidos de criança. Ele desfia histórias que mexem com nossa imaginação, recheadas de suspense, povoadas por mistérios e acontecimentos, que levam o leitor a investigar com ele, a escarafunchar o reino surdo das palavras em busca de respostas.

Os contos maravilhosos e as narrativas de casos misteriosos sempre foram muito populares no mundo inteiro, houve, há e sempre haverá no homem a vontade de explicar o inexplicável, o que o leva àquilo que o afasta, mas que, ao mesmo tempo, o seduz e o atrai. Esse tipo de narrativa configura-se como uma das mais antigas formas de contar as experiências humanas ao longo do tempo. Segundo um gênio da Grécia Antiga, Platão — que viveu entre 428 a.C e 348 a.C —, mulheres idosas costumavam contar histórias simbólicas às crianças, possivelmente com o intuito exemplar. Assim ocorre no conto de abertura desta obra, intitulado: “O dia em que minha avó me apresentou a morte”.

É ouvindo histórias, que sentimos emoções essenciais para a construção de nossa personalidade, para o nosso amadurecimento como ser humano e ser social. Sentimentos como a alegria, a tristeza, a raiva, o medo, o pavor e tantos outros se acendem em nós no ato da leitura. É assim que a história passa a viver e a construir sentidos em nós.

Em “As sombras na cidade antiga”, Comanche é feliz em ressaltar, com leveza, a bela e resistente estrutura arquitetônica e a relevância cultural da quarta cidade mais antiga do país e primeira capital de Sergipe, São Cristóvão, voltando os olhares do leitor à Praça São Francisco, considerada Patrimônio Mundial pela Unesco em 2010 e que resguarda riquezas da história e da cultura sergipanas. Esse conto promove uma atmosfera de suspense do início ao fim e, com engenhosidade, prende a atenção, aguçando a curiosidade e permitindo ao leitor, independente da idade, reviver as

brincadeiras e temores que nos ajudam a ser mais fortes e corajosos.

Em “Todo sítio tem mistério”, Comanche resgata a afeição da criança pelo mistério, pela investigação, sempre motivada pela curiosidade que se manifesta naturalmente na criança, através de traquinices e da grande atração que sentem por tudo que é melequento, diferente, estranho. Envolto nesta atmosfera do inusitado, Comanche nos transporta para dentro da história.

Continuei na pista e algo interessante ocorreu: meu dedo indicador afundou no tronco como se eu o tivesse enfiado num bolo de chocolate. A madeira estava fofa.

— O que é isso aqui? — falei enquanto mexia mais um pouco no tronco, que agora intrigava a todos. — Olhem!

Fez-se um silêncio ansioso enquanto eu arrancava um pedaço enorme da casca podre, que revestia o coqueiro morto. Ela foi saindo, macia, como se eu estivesse desforrando uma cama. Quando o pedaço saiu por completo, nossos olhos brilharam. Amanda já não olhava, cobria o rosto com suas mãos.

A criatividade, assim como o ritmo, a dinamicidade dos fatos, o resgate de situações típicas da infância — que farão os leitores se identificar imediatamente, tenha ele a idade que tiver — são traços marcantes das narrativas propostas por Comanche nessa obra inaugural de sua trajetória como escritor, que vai arrepiar o cabelo da galerinha e deixar rastros de luz na vida de todos os leitores que se aventurarem por suas linhas.

Gustavo Aragão Cardoso

Escritor, poeta e professor

Escritor, poeta e professor

Membro-fundador da Academia de Letras de Aracaju (ALA) Membro
do Movimento Cultural Antônio Garcia Filho (MAC/ASL)



*“Adultos seguem caminhos.
Crianças exploram.”*

Neil Gaiman



O DIA
EM QUE MINHA VÓ
ME APRESENTOU
A MORTE

Foi numa noite tediosa e sem esteelas que minha vó me apresentou a morte. Eu tinha seis ou sete anos e havia barganhado com meu pai o luxo de dormir mais tarde do que o normal. A sensação de não ter escola no outro dia sempre mexia com o meu espírito de criança ativa, que era feito um fio desencapado. Acendia logo uma fagulha traquina, ansiosa e criativa.

Na casa de andar onde morávamos não havia internet, computador ou *videogame*. O caderno de desenhos jazia num canto do quarto, quente de tanto uso. Os enredos de guerra com bonecos já tinham começado a se repetir e a enfadar. Já passava das 8 horas e a tevê aberta ignorava as crianças de férias.

A solução era descer até a casa de meus avós, que estava sempre lá, abaixo das escadas e de portas abertas. Encontrei minha vó em seu lugar de estimação, uma ruidosa cadeira de balanço, de encosto trançado à mão. Folheava atenta um livro sobre o poder curador das plantas, uma paixão a que sempre dedicou boa parte de seu tempo. Seu quintal era abarrotado de sambacaitás, capins santos, flores de camomila e uma variedade impressionante de folhas para a feitura de unguentos e lambedores.

Naquela época, como toda criança comum, eu via e sentia tudo à minha volta de forma diferente, aumentando aqui, criando acolá. A afinidade da minha vó com coisas que podiam curar tudo causava em mim uma impressão quase mística. Sem falar na sua figura enorme e matrona. Ela parecia ter uma espécie de aura antiga, conhecedora dos saberes do mundo. Um tipo especial de pajé, que era capaz de cozer um chá ao mesmo tempo em que fazia uma panela de feijão e entoava canções de ninar para embalar netos insones.

— Ainda acordado?

— Painho deixou. Vim pra cá ficar com a senhora, lá em cima tá chato.

— Certo... Então, se abaixe ali naquela estante e espie se tem um livro grande, velho e de capa dura.

Demorei para achar o tomo, pois a luz da sala era fraca e deixava tudo amarelado. De posse do calhamaço, que devia pesar a metade do meu corpo magro e cabeçudo, sentei no colo de minha vó. Sua mão nodosa e gentil tomou o livro, abriu e o acomodou a nossa frente. Enquanto balançava a cadeira com o corpo, buscava uma página interessante para começar a ler.

O livro era velho, tinha uma encadernação puída. As folhas frágeis

estavam carcomidas nas pontas. Era uma antiga bíblia com ilustrações detalhadas, algumas iluminuras e estampas barrocas que adornavam tudo. Aparentava ter um século. Mas tinha apenas meio, conforme minha vó confessou sorrindo. Não respondi ao sorriso. Pelo contrário, percebi um certo incômodo que crescia desde que havia descido.

As pinturas tinham rostos excessivamente dramáticos, beirando à estranheza. A noite escura e abafada, o tédio, a luz fraca que deixava boa parte da sala em penumbra: tudo isso começava a fazer efeito. Para o pequeno coração de um ansioso, uma tensão acima do suficiente começava a crescer.

Eu estava num lugar totalmente seguro, no colo de quem me queria o maior bem do mundo, mas os medos de uma criança não precisam de razão para tomarem forma. Basta apenas um ambiente propício ao arrepio, sombrio e confuso, para que a sementinha do pavor germine. Eu não estava com medo. Estava ficando com medo.

Passando as páginas direto para as ilustrações, ela contou - com domínio - a história de como Jonas foi engolido por uma terrível baleia gigante. Contou ainda como a muralha de Jericó tinha cedido ao toque infernal das trombetas. O desfile de histórias prosseguiu, e o tenebroso Antigo Testamento foi sendo revelado aos meus olhos arregalados de inquietação. E ali estava eu, um guri impressionado demais para falar algo, ainda que fosse um pedido de basta.

Em certo momento, chegamos a uma ilustração peculiar. Uma criança ajoelhada que rezava na companhia de uma caveira, aos pés de um anjo de olhar piedoso. Realmente não me lembro a referência bíblica, só sei que era exatamente essa a imagem.

— Vó, o que esse menino tá fazendo? — Está pedindo ao anjo uma boa hora. — O que é uma boa hora?

— É quando a morte chega e a gente deixa de existir aqui na Terra.

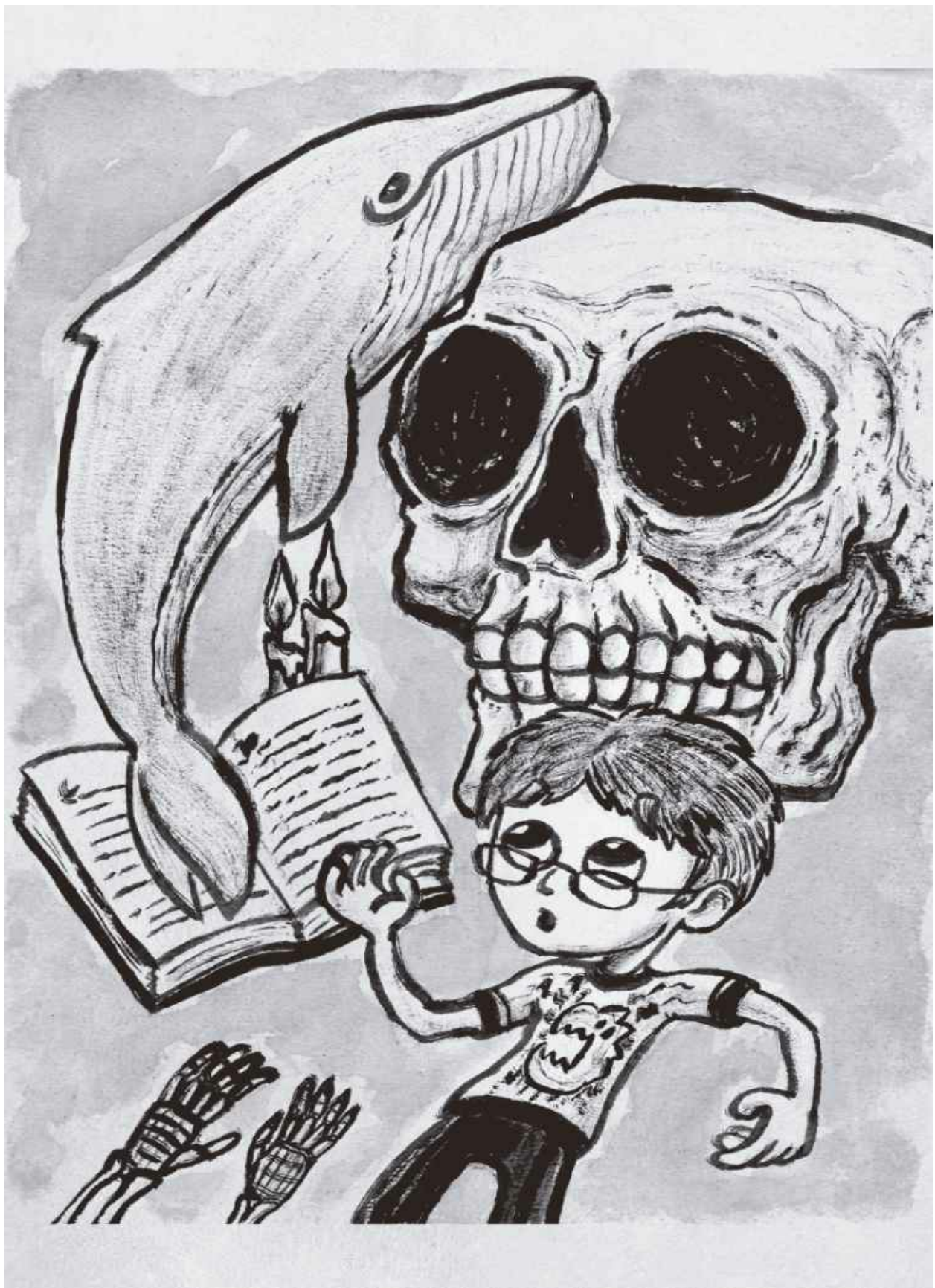
— Como assim?! — Perguntei já tremendo, quase sem querer ouvir a resposta.

— Todo mundo morre um dia. Todo mundo. A gente deixa essa vida, esse corpo, esse mundo. A morte leva a gente para outro lugar, melhor ou pior.

Ela não precisou dizer mais do que isso. Eu também não deixei. Dei-lhe um beijo e disse que tinha ficado com sono. Suando frio, subi varado para o meu quarto.

Meti a cara no travesseiro e chorei muito. Chorei como uma criança que descobriu a morte. Não aquela morte dos desenhos. A morte conceito, a morte realidade. É claro que eu provavelmente já tinha, nessa idade, uma vaga ideia do assunto, mas eu nunca tinha ouvido isso de alguém como a minha vó, de forma tão simples, serena e crua. Essa foi a primeira vez que pensei mesmo no assunto, que percebi que a morte, esse apagar repentino e cruel, acontecia de verdade.

Minha vó continua a mesma, durona e ao mesmo tempo doce. Passa os dias colhendo folhas, fazendo seus chás e curando dores, aqui e acolá, dos familiares que chegam a ela. E, claro, contando histórias sem floreios para os netos desavisados que caem no seu colo por acaso.





AS SOMBRAS NA
CIDADE
ANTIGA

— Quem chegar por ultimo é a mulher do padre! - não parecia muito respeitoso fazer um desafio destes nos arredores de uma igreja. Mas aquela não era uma igreja comum. Majestosa e antiga, as paredes grossas como os blocos de uma pirâmide egípcia, a Igreja da Praça São Francisco mais parecia um castelo. E o fato de ela ter mais de quatro séculos de idade deixava essa forte impressão em nossas mentes de moleques desordeiros.

— Não valeu... Você... Correu... Antes de gritar *já* — arfou Felipe, que me ajudava a matar o tédio e a cabular a missa. — Eu não quero mais correr... Vamos procurar outra coisa pra fazer.

— Beleza. O quê, então?

Olhei para os lados e contemplei a imensidão enevoadada da praça. O varal de luzes que cortava o lugar de um canto a outro tingia a noite fria com a tonalidade amarelada das lâmpadas de sódio. Pessoas comiam batata frita, pipoca e outros quitutes em barraquinhas que disputavam o espaço da calçada. Casais de namorados se engalfinhavam encostados na imensa cruz de pedra que se erguia no meio da praça. Os prédios e casas coloniais que circundavam o local pareciam esculpidos em grandes blocos de pedra maciça.

— Vamos aproveitar que tá todo mundo assistindo à missa pra explorar esse lugar — falei, de olhos fechados, enquanto juntava as mãos perto da boca, fingindo rezar.

— Fique brincando, seu herege! Hoje de tarde, enquanto meu pai comprava pipoca na praça, eu entrei naquele museu ali, só por curiosidade. O guia me contou que essa cidade é assombrada. Não só porque os prédios são velhos e tal, mas ele disse que as almas atormentadas dos antigos escravos rondam esse lugar em busca da paz que não tiveram em vida.

— Almas de escravos? Como assim?!

— Eu não entendi muito bem. O guia tinha uma voz baixa e falava como se estivesse sussurrando. Mas é tipo assim: sabe a época da escravidão no Brasil e tudo mais? Então, os caras sofriam muito. Eles eram cruelmente castigados, até mesmo sem motivo. Os filhos deles eram vendidos para estranhos e levados a lugares muito distantes. Além de apanhar, eles trabalhavam o dia todinho. Usavam correntes nos pés, comiam mal, enfim... Um monte de coisas bem ruins. Daí, até hoje, algumas almas dos escravos que construíram essa cidade ainda vagam por aí, em “*desespero eterno*”. Palavras do guia.

— Tá, vamos por partes. Teoricamente, segundo um gibi que eu li, se

uma pessoa sofrer uma injustiça muito grande, ou tiver algum sofrimento mal resolvido durante a vida, ela sai por aí vagando como fantasma depois que morre. Mas... Ainda assim... É claro que esse cara aproveitou a situação para assustar você.

— Beleza, o sujeito realmente era esquisito, usava uns trapos e tinha uma voz cavernosa. Mas isso não importa. Eu não me assusto com nada mais. Já sou grande, tenho dez anos.

— Que seja. O que eu tô dizendo é que São Cristóvão é realmente assustadora à noite. Mas esse cara do museu só quis curtir um pouco com a sua cara.

— Tá bom, tá bom. Corta esse papo. E aí, vamos fazer o quê?

— Bora entrar no convento. É ali, colado na igreja. Tá vendo aquele portão de ferro? Eu acho que tá aberto.

Fomos até lá de forma sorrateira, olhando para os lados, despistando os olhares adultos. Chegando ao portão, Felipe se adiantou e abriu um ferrolho enorme e enferrujado que mantinha o portão fechado. Entramos de fininho, mas quando percebemos que o convento estava vazio, relaxamos. A exploração, então, começou de verdade.

Era um lugar realmente incrível. As paredes eram repletas de quadros estranhos. A maioria deles retratava rostos em súplica ou sofrimento, outros tinham pinturas de anjos ou santos que subiam aos Céus. A largura das paredes era o que mais nos impressionava. Paramos diante de uma pilastra e demos as mãos em volta dela, tentando medir a espessura da pedra.

— Dois braços e meio de largura! Temos um recorde, hein?

Continuamos seguindo pelas sombras, à espreita, feito dois ladrões. Ouvíamos o cântico do Pai Nosso sendo entoado distante: um sinal de que a missa entrava na reta final. Seguindo convento adentro, paramos diante de uma escada. Uma mistura de medo e euforia inundava nosso ânimo. Não sabíamos o que fazer. Avançar ou recuar?

— Vamos voltar. Acho que a gente exagerou. A missa já tá acabando, vão pegar a gente.

— Voltar por quê? Nós somos crianças! Os adultos já esperam que a gente faça besteira! Não podemos decepcioná-los sempre, só tirando notas boas e escovando os dentes antes de dormir. Eles gostam de emoção também. Vamos subir — falei, determinado.

No momento em que avançamos sobre os primeiros degraus, ouvimos

algo que nos paralisou. O guincho arrastado, alto e gutural de alguma criatura nada feliz com a nossa presença. Procuramos a origem daquele som infernal por todos os lados. Ao levantar nossas cabeças, à frente da escada, a fonte se revelou. Lá estava na janela aberta do andar de cima, um par de olhos enormes e vidrados, mirados para nós dois. A silhueta obscura da criatura, que a janela recortava, se fundia com o breu da noite. Aquele vulto transmitia uma mistura estranha de paciência e ódio, tudo ao mesmo tempo, como se calculasse a hora exata da nossa morte.

Sem pensar duas vezes, disparamos em retirada. Corremos como se tivéssemos visto o diabo. No alvoroço, entramos na primeira porta encontrada. O lugar era uma espécie de sala. Fechamos a porta com tudo.

— Você viu o que eu vi, ou eu tô ficando maluco? — perguntei, ainda atônito.

— Não, eu vi também. E o barulho daquilo... Acho que era o coisa ruim!

— Nunca pensei em encontrar alguma coisa assim, de verdade. Quer dizer, a gente ouve histórias de terror, assiste filmes e desenhos, mas... espera sempre que aquilo tudo seja de mentira, né? Se eu sobreviver juro que nunca mais cabulo uma missa!

— Nem me fale, eu também. Poxa, tá escuro aqui.

— Bastante escuro pro meu gosto.

— A missa deve tá acabando. Acho melhor a gente arriscar e correr de volta para a igreja, que tal?

— Melhor que ficar nesse escuro.

— Beleza, vou abrir a porta bem devagar.

A primeira fresta de luz que entrou em nosso esconderijo revelou algo esquisito. Olhei para trás e, à primeira vista, enxerguei tudo borrado, havia mais sombra do que luz. Forcei os olhos e vi que no teto estavam penduradas dezenas de mãos e pés humanos. Cusei alguns segundos para acreditar. As imagens demoraram a se formar. Eu ainda estava tonto por causa da corrida, o sangue quente, todo adrenalina. Mas quando concluí o que aquelas coisas realmente eram, o chão pareceu sumir sob meus pés. As mãos e pés eram escuros e distorcidos, como se estivessem há muito tempo longe de seus corpos de origem. Quase perdendo os sentidos, puxei Felipe para dividir comigo aquela visão aterradora. Ele quase caiu para trás. Em seguida, ensaiando uma recuperação, agarrou meu braço e me puxou para fora daquele

antro de horrores.

Corremos desesperados até o portão e deixamos o convento soltando todos os palavrões que a gente conhecia. Encostamos em uma parede que ficava longe da entrada e tentamos voltar a respirar. Em completo silêncio, fomos retomando o fôlego e digerindo o que tínhamos acabado de presenciar. A praça transmitia uma tranquilidade irritante. A multidão de fiéis já tinha deixado a missa e agora tomava o lugar. As pessoas riam, conversavam e comiam, sem pressa de retornar a seus lares. Tínhamos acabado de ter um encontro com o *cara lá debaixo* e fugido de uma sala sinistra, repleta de membros distorcidos, amputados de seus verdadeiros donos. “*Eles poderiam ter mais respeito*”, pensei.

— E aí, o que fazemos? — arfou Felipe, enquanto se apoiava nos joelhos.

— Acho melhor a gente não contar a ninguém, pelo menos por enquanto. A gente testemunhou algo muito sério. É perigoso sair por aí falando. Eu já sei o que podemos fazer pra solucionar essa questão. Semana que vem, quando você for lá em casa, eu te digo.

— Fechado, então. Bico calado.

Já fora da igreja, nossos pais se aproximaram.

— Ah, aí estão vocês... Sumiram da igreja durante a missa inteira, né? Ficaram fazendo o quê? Podemos saber? — indagou minha mãe.

— A gente tava esse tempo todo aqui fora rezando.

Não contamos para eles os eventos peculiares daquela noite. Os ouvidos dos pais geralmente não estão equipados para escutar o que as crianças contam. Eles ouvem apenas uma sucessão enérgica de palavras, sem entender nada de fato, apenas por um dever de ofício. Depois, confirmam com grunhidos bovinos que escutaram tudo e mandam a criança escovar os dentes para ir dormir.

Três dias depois, Felipe foi dormir lá em casa e aproveitamos para levar o nosso estranho relato à única pessoa que eu tinha certeza que responderia a tudo, por mais descabidas que fossem as perguntas. Marcos era professor de Literatura, um devorador voraz de livros. Por sorte, ele era meu tio e vizinho, tudo ao mesmo tempo.

— Interessante, muito interessante — ele pontuou ao terminar de ouvir nossa história por completo.

— E aí, o que você acha que tá acontecendo naquela igreja? Será alguma sociedade secreta que sequestrou os padres e estão usando máscaras iguais aos rostos deles para não levantar suspeitas? Uma vez eu li um gibi que...

— Talvez a resposta seja muito menos cinematográfica, infelizmente — afirmou com um sorriso no canto da boca. — Isso daria um belo conto de terror.

— E então o quê? O que era aquela criatura da janela? E os membros pendurados?

— Pelo som e pelas características que vocês descreveram, trata-se de um tipo de coruja, uma ave de rapina que no interior é conhecida por Rasga Mortalha. O nome vem do horrível som que ela produz, como se fosse um tecido de seda sendo rasgado de forma violenta. Segundo conta o folclore popular, se uma delas sobrevoar sua casa e soltar seu guincho ensurdecedor, alguém da família amanhecerá morto.

Permaneci imóvel, absorvendo o peso dramático de cada palavra.

— Mas é claro que não passa de uma fantasia, de um conto popular, como a história de João e Maria, por exemplo. Já podem voltar a respirar — falou Marcos, fazendo esforço para não rir.

— Tá. Tudo bem, acho que já deu pra entender. Mas e os membros pendurados no teto?

— Eles são feitos de madeira. Vocês não perceberam por causa da escuridão do lugar e da adrenalina da aventura. O nome dessa prática, de esculpir membros em madeira ou argila, é ex voto. Os membros são esculpidos por pessoas comuns, e representam as partes do corpo que elas conseguiram curar, por meio da ajuda de seu santo de devoção, ou seja, seu santo favorito. É uma forma de retribuir a graça alcançada e pagar a promessa feita.

— Caramba! A gente nunca descobriria isso! — disse Felipe. — Nem se a gente fosse amigo do Sherlock Holmes.

— O interessante é que aquele guia do museu que te falei não comentou nada disso. Eu iria me assustar mais ainda com essas informações — disse Felipe.

— Guia? Que guia? — indagou Marcos.

— O guia daquele museu enorme, em frente à praça. Ele me contou umas coisas sobre a cidade na semana passada, no dia em que a confusão na

igreja aconteceu...

— Mas como assim? O museu está sem guia há um bom tempo. Conheço o diretor de lá e ele até me perguntou se eu tenho alguém à altura para indicar. Infelizmente, vai ser muito difícil substituir o último...

— Como assim? Do que você tá falando? Por que substituir o guia?
— perguntou Felipe ansioso.

— Vai ser difícil achar um guia bom como o anterior. Além de ser um cara muito gente boa, ele era descendente direto de uma família de escravos da região. O homem conhecia como ninguém a história da cidade. Infelizmente, ele morreu há mais de dois meses, e o museu está sem guia desde então...





TODO SÍTIO
TEM
MISTÉRIO

1. A descoberta do tronco podre

Ter um cachorro é uma experiência única, só sabe quem tem. Perder um cachorro também. Gosto de pensar que o amor que um cão sente pelo seu dono é um amor ideal. Como cachorros não falam, eles só podem demonstrar seu sentimento por meio de atos. Humanos usam palavras, e palavras podem ser traiçoeiras. A história inacreditável que vou contar aconteceu logo após “Boy”, meu companheiro vira-lata, fugir.

Como esperado, eu e Kaio, meu irmão, acordamos muito tristes na manhã seguinte ao seu desaparecimento. Tristes como só duas crianças de oito e sete anos poderiam ficar sem seu cachorro. Ninguém entendia por que ele tinha fugido, sempre fora bem tratado. Mas o telefone tocou logo cedo, trazendo um convite consolador. Era Regina, a mãe de dois grandes amigos, Juan e Amanda.

Juan era o garoto mais alegre, enérgico e corajoso que eu conhecia. Os cabelos pretos e lisos, em formato de cuia, caíam por cima dos seus olhos flamejantes, vorazes caçadores de aventuras e problemas. As sardas de seu rosto só aumentavam com o sol que apanhava na rua fazendo suas presepadas, às vezes, na minha companhia. Aproveitava seu corpo franzino e pequeno para se meter em locais inacessíveis aos seres humanos normais. Em

dois movimentos rápidos, o moleque já alcançava o telhado de qualquer casa. Coitadas das paredes, que guardavam seus rastros e pegadas aqui e ali. Sua irmã, Amanda, era a mais alta de todos nós e a mais inteligente também. Os cabelos lisos e as sardas lembravam os do irmão. Porém, seu gosto por leitura e outras coisas mais produtivas diferenciava bastante as duas personalidades. Enquanto estávamos na rua competindo quem tinha a cusparada de maior alcance, Amanda devorava livros enormes de fantasia sempre trancada em seu quarto.

— Vocês dois vão tomar banho e escovar os dentes. Regina chamou vocês para passarem o dia lá. Juan e Amanda estão de férias também — avisou minha mãe.

A mera possibilidade de passar o dia na casa deles já melhorou um pouco o nosso humor. De banho tomado e dentes escovados, eu e meu irmão partimos caminho acima para um dia de consolo. Chegando ao trecho onde ficava a casa, uma velhinha simpática nos deu boa tarde, sentada no batente que ficava do outro lado da rua. Dois moleques brincavam de golzinho, improvisado com blocos de paralelepípedos soltos. Era um lugar tranquilo. A rua era da molecada, que permitia que os carros passassem de vez em quando. Tocamos a campainha. Regina nos recebeu como toda mãe de amigo, afetuosa e acolhedora.

— Oi, meninos! Fiquei sabendo do cachorrinho, uma pena. Juan tá lá no quintal esperando vocês. Já, já levo biscoito e suco de maracujá pro lanche.

Agradecemos e seguimos até o quintal. Bem, não era exatamente um quintal. Nos fundos da casa existia um terreno enorme, quatro vezes o tamanho dela. O chão de terra batida era tingido pelas cores de frutas pisadas que caíam em abundância das árvores que lá moravam. Mangas, pitangas, goiabas e acerolas formavam uma paleta borrada de cores naturais. Galinhas e pintinhos ciscavam por toda a área. O cachorro, “Barão”, um vira-lata forte e feroz, ficava num canto apartado, para o bem das galinhas e dos visitantes.

— E aí, caras... Que porcaria o que aconteceu, né? Deveria ser proibido cachorros fugirem, sei lá. O cachorro do meu vizinho fugiu também. Muito triste tudo isso — arriscou Juan, melancólico.

— É uma droga mesmo — meu irmão respondeu, cabisbaixo, enquanto eu acompanhava distraído uma galinha que arrancava uma minhoca do chão.

— É... É mesmo. Ei, bora brincar de Tarzan naquela palha de coqueiro ali?

O convite foi uma injeção de ânimo instantâneo. Olhei para frente e entendi o que ele pretendia. Havia um coqueiro em cima de uma elevação de terra, que tinha algumas palhas velhas, sem vida ou cor, prestes a cair. A maior delas se provou firme ao nosso teste: um puxão forte para baixo. Fizemos uma fila e iniciamos a empreitada.

— Beleza... Vou primeiro para testar de novo — adiantou-se Juan, ansioso e imprudente como sempre. — Ôôôôôôôô... Ôôôôôôôô... Ôôôôôôôô... — imitando precariamente o conhecido grito do famoso rei da selva.

O moleque caiu a mais de cinco metros de distância e se levantou rapidamente depois de duas cambalhotas. Limpou a areia do rosto e gritou radiante:

— Muito irado, velho!

Seguimos imitando-o. Na terceira rodada, percebendo a firmeza da nossa nova palha-cipó, decidi arriscar mais. Peguei mais impulso e me joguei com o dobro de força e velocidade:

— Aí vou eeeeeeeeeeeeeuuu.... Aaaarrrrgh!

A palha se partiu e fui lançado bem longe. Caí cambalhotando até bater de costas no tronco de um coqueiro que jazia deitado. Os dois outros Tarzans de araque correram ao meu socorro.

— E aí, quebrou alguma coisa?

— Não, não, tá tudo bem. Tô inteiro. É melhor brincar de outra coisa.

As ideias de Juan eram abundantes, nem precisávamos refletir por muito tempo. Decidimos arrancar o restante das palhas secas dos coqueiros para construir uma cabana. O tronco podre serviria como uma das paredes do novo projeto. Como nossas inteligências não acompanhavam a velocidade das nossas ideias, fomos procurar a ajuda de Amanda.

Juan abriu a porta do quarto dela, sem a menor cerimônia. O espaço era povoado de pôsteres, bonecas coloridas e um zoológico de bichos de pelúcia.

— Ei, cabeça! Não sabe bater antes de entrar? — irritou-se a menina.

— A gente vai montar uma barraca de palha de coqueiro, mas não sabemos como.

Amanda não era a típica irmã mais velha, megera e distante. Apesar

da pouca civilidade de Juan, ela sempre demonstrava certa compreensão e interesse pelo garoto. A curiosidade de saber qual seria a nossa “nova maluquice” também temperava essa compreensão.

— Tá certo. Vamos lá ver — disse enquanto fechava seu livro, ajeitando o marcador na última página lida.

Depois de analisar as palhas que tínhamos juntado, ela ponderou que o projeto só daria certo se a gente trançasse uma palha na outra.

— Precisamos de ajuda. É trabalho demais para apenas nós quatro. Vamos procurar algum menino desocupado na rua. Estamos em período de férias... Devem ter muitos — disse ela. Então, seguimos em direção à rua.

Encontramos por lá dois moleques sentados no batente do outro lado da rua. Fizemos o convite e torcemos pelo interesse deles.

— Não dá. A gente vai ajudar dona Dalva a trazer umas coisas da venda lá embaixo — falou um deles. — Em troca, ela vai dar coxinha pra gente.

— Vocês não querem me ajudar também? — falou uma senhorinha simpática que entrou na conversa. Era a mesma que a gente tinha cumprimentado mais cedo. Sua feição era enrugada, mas transmitia energia e personalidade. — Eu vou montar uma pequena barraca de coxinhas aqui na rua e vou comprar os ingredientes. Eu prometo uma boa remessa para vocês também.

Agradecemos o convite e dissemos que não ia dar, tínhamos um trabalho importante a fazer. Sem perder mais tempo, corremos de volta para o sítio e nos debruçamos sobre as palhas. Apesar do esforço em nos ensinar a fazer tranças, Amanda acabou fazendo quase todo o trabalho sozinha, enquanto a gente mais atrapalhava do que ajudava.

— Meninos, venham aqui na cozinha buscar o lanche!

Deixamos Amanda terminando o último lote de tranças e entramos na casa. Enquanto ajeitávamos a bandeja com os copos de suco, ouvimos um grito de horror. Vinha do sítio. Era Amanda! Deixamos as coisas e voltamos correndo.

— Argh! Que nooooooooojo! — gritou, apontando para o tronco podre.

Ela tinha caído no chão e continuava se afastando, como se perseguida por algo horrendo. Olhamos para o tronco, e nada encontramos.

— Amanda, não tem nada aqui — falei me aproximando para analisar melhor o local apontado.

— Tem um bicho, argh, algo muito nojento, não sei o que é. Ele tava aí!

Continuei na pista e algo interessante ocorreu: meu dedo indicador afundou no tronco como se eu o tivesse enfiado num bolo de chocolate. A madeira estava fofa.

— O que é isso aqui? — falei enquanto mexia mais um pouco no tronco, que agora intrigava a todos. — Olhem!

Fez-se um silêncio ansioso enquanto eu arrancava um pedaço enorme da casca podre que revestia o coqueiro morto. Ela foi saindo, macia, como se eu estivesse desforrando uma cama. Quando o pedaço saiu por completo, nossos olhos brilharam com a visão. Amanda já não olhava, cobria o rosto com suas mãos.

— VERMES! — gritamos alegres.

Tínhamos descoberto um grande viveiro de vermes. O tronco estava completamente corroído por dentro, onde as criaturas tinham criado túneis e pequenas cavernas. Ficamos inflamados com as possibilidades. O que faríamos com esse tesouro nojento? Os bichos eram enormes, do tamanho de um dedo mindinho das nossas mãos. Gordos e viscosos, tinham uma cor leitosa, translúcida, branca e esverdeada ao mesmo tempo. Da ponta de suas cabeças amarelas saíam duas presas afiadas, que fariam o terror de qualquer dedo distraído. Juan sumiu alguns segundos e apareceu com um pote de maionese, daqueles de vidro, vazio:

— Vamos fazer uma bomba de fedor!

Passamos o resto da tarde removendo os vermes de seu habitat, como deuses desalmados em busca de diversão. Pegávamos os bichos com as mãos e os depositávamos no pote. O desafio de não ser mordido era divertido e já valia o risco. Enquanto isso, Amanda comia biscoitos recheados de chocolate com um grande copo suco de maracujá, sentada a nos observar. Só parava de comer de vez em quando para repetir o quanto éramos nojentos.

Quando acabamos a “limpeza”, fechamos o pote de vidro e o guardamos no que a gente chamava de “esconderijo à prova de mãos”. Aquela coisa iria fermentar e se tornar algo realmente perigoso: precisávamos proteger o experimento.

Amanda se aproximou para terminar o último trançado. Depois disso, foi fácil montar a barraca. Uma vez pronta, corremos para a cozinha e trouxemos mais biscoitos e suco para nosso miniquartel general. Cobrimos o

chão com uma toalha velha e distribuímos os copos. E ali, nós quatro, suados, cansados e fedorentos, fizemos um brinde orgulhoso e destrambelhado, derramando suco de maracujá por todo lado, entre risadas e brincadeiras.

Quando eu e meu irmão retornamos para casa ao anoitecer, mal nos lembrávamos da fuga de nosso cachorro na noite anterior.

2. O mistério permanece

Ao acordar na manhã seguinte, partimos novamente para a casa de Juan. Chegando lá, ele estava no banho.

— JUAN! Sou eu. Vou separar uns bonecos aqui no seu quarto para a gente levar pra cabana, beleza? — gritei na porta do banheiro.

— Hã? Ah... Beleza! Pegue a nave vermelha e aquele carro quebrado também... Vamos acabar de destruir ele! — gritou Juan de volta e tornou a cantar, alto e desafinado, a música de abertura de algum desenho.

Lá fora, de banho tomado e cheio de energia, ele me encontrou posicionando todos os bonecos em poses de batalha dentro da cabana. Kaio rondava os pés de algumas árvores recolhendo folhas, pedras e galhos secos para construirmos um cenário desolado para a guerra de bonecos.

— Ah... Esse carro a gente pode sei lá... fingir que ele foi atingido por um míssil da nave vermelha e que foi lançado a quilômetros de distância, daí

a gente pode amarrar ele num barbante e jogar em cima do telhado... Espere... Que cheiro podre é esse?

Nossos planos foram interrompidos por um cheiro forte, aparentando vir de algo podre. O penetra empestou todo o sítio e, quem sabe, a rua.

— Será que já é a bomba de fedor fazendo efeito? — gritamos quase em uma só voz e partimos para o esconderijo antimães para verificar o andamento da nossa asquerosa experiência. Ao pegar o pote de vermes, logo percebemos que o cheiro não vinha dali. A decomposição estava apenas começando e seus gases pestilentos ainda permaneciam presos no pote.

Foi, então, quando começamos uma investigação minuciosa. O fedor era tão insuportável que nos dava energia extra para desvendar e acabar com aquela invasão malcheirosa. Esquadrinhamos todos os cantos do sítio à procura de algum animal morto ou coisa parecida. Levantamos galhos secos, fuçamos embaixo de um sofá abandonado que jazia num canto, e depois de meia hora de trabalho duro não chegamos a lugar nenhum.

— Ufa... Vamos parar um pouco... Já tô todo suado.

— Sim... E, além do mais, acho que o cheiro tá diminuindo.

Realmente estava. Cinco minutos depois o fedor já tinha se dissipado. Dez minutos depois, nós já o tínhamos esquecido completamente. Jogados no sofá da sala, assistimos desenhos animados japoneses e devoramos um pacote de biscoitos recheados de chocolate com suco de maracujá. Quando estávamos partindo para o segundo pacote, fomos interrompidos.

— Meninos, não comam todos os biscoitos, tá? O almoço tá quase pronto. Daqui a mais ou menos uma hora eu chamo vocês para a mesa — avisou Regina, em tom gentil e preocupado.

Fizemos caras concentradas ao ouvi-la, demonstrando interesse em levar o recado a sério. Mas Juan foi o primeiro a desobedecer. Em uma delicada operação com suas mãos mal-lavadas, ele retirou o recheio de metade dos biscoitos do segundo pacote, juntou todos eles e fez uma grande bola doce e marrom, como se estivesse modelando argila.

— Mano, vê só o tamanho!

Complementamos a presepada enfiando os biscoitos em vários pontos da bola de recheio, como se fossem os braços, as pernas e as orelhas daquele ser de açúcar e gordura.

O *gran finale* ficou por minha conta. Com um palito de dentes desenhei um par de olhos esbugalhados e uma boca cheia de dentes afiados.

O pobre não durou mais do que dois minutos depois de criado: devoramos a criatura com bocadas famintas.

Para escapar do almoço que se avizinhava, decidimos brincar na rua. Um bando de garotos desafiava a morte, descendo uma ladeira de paralelepípedos ali perto, com um carrinho de rolimã sem freios. Ficamos assistindo, esperando nossa vez. Pelo bem da nossa saúde, não chegamos a andar no brinquedo mortal. Um alvoroço tomou conta da molecada quando a simpática dona Dalva anunciou aos gritos suas coxinhas fresquinhas na porta de sua casa.

Corremos com o bando até sua calçada e disputamos o espaço ombro a ombro esperando nossa vez na fila. Meu irmão catou uma dúzia de moedas que tinha ganhado de minha avó e esquecido no bolso lateral do calção. Tínhamos o suficiente para três coxinhas.

A bem da verdade, nenhum dos meninos estava dando trela para as coxinhas. Nem a gente. O fuzuê se dava pela novidade, pelo gostinho de estar todo mundo ali, de férias, na hora do almoço, comendo coxinhas na rua. Era um desafio à autoridade das mães, uma forma de afirmar nossa própria vontade, de declarar que podemos decidir o que queremos fazer.

Inflados de orgulho próprio, voltamos para casa, pensando no merecido repouso dos guerreiros. Mas, para a nossa desgraça, a mesa estava posta, e sem coragem de dizer que tínhamos desobedecido a ordens claras, mesmo com as barrigas abarrotadas de biscoitos e coxinhas, tivemos de limpar os nossos pratos cheios de bife, arroz, feijão, farofa e salada.

3. A descoberta

A memória de certos acontecimentos tem o poder de permanecer viva para sempre, nos atormentando em pesadelos noturnos ou divagações aleatórias. Os eventos que ocorreram no dia seguinte marcariam para sempre as nossas mentes e corações.

O fato é que estávamos lá na casa de Juan e Amanda, já pelo terceiro dia consecutivo. Férias são um tempo sagrado e cada precioso minuto deve ser aproveitado ao máximo, como uma tia minha fazia com os tubos de pasta de dente: quando não saía mais nada, ela cortava com a tesoura e raspava o restante com a escova. Este era o espírito!

A cabana já estava ficando amarelada, as palhas de coqueiro, secas. Enquanto discutíamos o que fazer durante o dia, o fedor atacou de novo. Mas dessa vez veio com mais intensidade, e meu irmão chegou a ameaçar um vômito. A coisa tinha se tornado uma questão de honra. Iríamos descobrir a fonte da podridão, que ria da nossa cara há dois dias. Custasse o que custasse.

Quando começamos a explorar as possibilidades, discutindo-as em voz alta, Amanda apareceu no batente da porta. — O que vocês estão fazendo? E que cheiro ruim é esse? — A gente tá tentando descobrir há um tempão! Já procuramos em todos os lugares, já levantamos todas as hipóteses possíveis. Não dá pra saber!

— Tem certeza de que não tá vindo do sovaco de vocês? — disse Amanda rindo, enquanto encostava-se na parede, com ar reflexivo.

— Muito engraçada! Vai ajudar ou só veio aqui falar isso? — reagiu Juan.

— Vocês estão procurando a origem de um cheiro, certo? Então, já passou pela cabeça de vocês que tem um cachorro aqui no quintal? Já ouviram falar sobre o olfato dos cães ou vocês são de Marte?

Antes mesmo de Amanda terminar de falar, nós já estávamos nos entreolhando. Era isso! Barão poderia nos ajudar a desvendar o mistério... Como não pensamos nisso antes? A menina tomou a frente e avançou na direção do cachorro. O olhar assassino e o rosnado nervoso se desfizeram quando ela passou a mão em sua cabeça. A um toque, ele virou um bebezão ansioso por passeio, biscoito e sujeira, como qualquer cão no mundo. Amanda tomou a coleira para si e virou-se para a gente:

— Vocês vão ou não?

Despertando do transe que a ideia nos causou, a seguimos. O cachorro corria determinado, como se atraído por um ímã. Foi reto na direção da porta da rua. Seguimos o animal e atravessamos até a calçada de dona Dalva. A porta de sua casa estava aberta e tivemos uma surpresa estranha... O cheiro ficava mais forte à medida que nos aproximávamos.

Fazendo força, Amanda segurou o ímpeto do cão, que arfava tentando entrar na casa a qualquer custo.

— Dona Dalva! Ô de casa! A senhora tá aí?

Ninguém respondeu. Sem perceber, nós estávamos entrando na casa aos poucos, mesmo sem convite. Se a curiosidade é uma das forças mais poderosas que existem, imagine só a nossa. O cheiro, o mistério, a estranheza da situação, tudo contribuía para inflamar nosso espírito aventureiro. Pequenos, franzinos, cabeçudos e destemidos.

— Está vindo da cozinha... Caramba! Tá ficando cada vez mais horrível... — sussurrou Amanda, enquanto cobria a boca e o nariz com uma das mãos.

A sala estava separada da cozinha por uma cortina esquisita. Nela havia uma estampa desgastada em que se reconhecia Jonas, o personagem bíblico, sendo engolido por uma baleia gigante. Meu irmão tomou a dianteira do grupo e, sem cerimônia alguma, arrancou a cortina.

Com o bafo quente e fétido que o lugar emanou, seguiu-se uma

sequência de acontecimentos rápidos e confusos. Juan vomitou. O cachorro disparou a latir sem parar, feito um alarme de carro. Amanda deu um grito que, com certeza, foi ouvido nos bairros vizinhos. Eu caí no chão, após escorregar na poça de algum líquido viscoso. Olhei para as minhas pernas, que estavam empapadas do visgo, e percebi que era algo escuro, que eu não conseguia definir ao certo. E nem queria. Em cima da pia havia uma mistura amorfa do que pareciam ser pequenos órgãos diversos, provavelmente de algum animal. No chão, ao lado, em cima de uma bacia amassada de alumínio, havia parte de um esqueleto descarnado. Pertencia a alguma criatura de médio porte, talvez um cachorro. A tenebrosa cena se completava no que havia em cima da mesa de madeira. Alguns montes de massa crua de coxinha descansavam ali, ao lado de um rolo de abrir massa. Levou alguns segundos até que a gente juntasse e processasse esse conjunto sinistro de informações. Juan me ajudou a levantar, enquanto Amanda dava um solavanco na coleira do cachorro, na tentativa de tirá-lo do transe momentâneo. Conseguimos nos recompor, mesmo aturdidos e cambaleantes. Sem emitir som algum, corremos para fora daquele recinto pestilento e alcançamos a porta da frente num segundo.

Mas dona Dalva nos esperava no batente da porta, segurando algumas sacolas plásticas com produtos de limpeza em uma das mãos. Na outra, ela trazia ódio, pelo menos era o que o seu pulso cerrado demonstrava.

— Seus pestinhas de uma figa! Não se pode ir à venda da esquina que a pessoa já tem a casa invadida por esses diabinhos! Mas vocês vão aprender uma lição! Deixem só eu apanhar uma coisa na cozinha!

A expressão da velha tinha se alterado tão radicalmente que ela agora parecia outra pessoa. Mas ela não precisou nos ameaçar duas vezes. Assim que nos recuperamos da surpresa, investimos para cima dela. Juan tomou a frente e executou três movimentos tão rápidos que eu tive dificuldade de acompanhar. Pulou no sofá, meteu o pé na parede para tomar impulso e deu uma cambalhota certa por cima da vilã, que caiu para trás com um baque surdo no chão. Ou algo assim. O fato é que aproveitamos a deixa e disparamos para fora daquele antro perverso, passando por cima velha. Acontece que, ao passar por último, meu irmão teve o pé agarrado pelas mãos magras da nossa perseguidora.

— Peguei você! E pode apostar que eu só solto seu pé se alguém arrancar minha mão!

Nesse ponto, Amanda se deu conta de que meu irmão tinha ficado para trás.

— Fiquem aqui! — gritou para mim e para Juan, que já estávamos na porta de casa.

A menina atravessou a rua correndo com o cão ao seu lado. Chegando no local da cena, posicionou o cachorro próximo da velha e gritou:

— Pega, Barão!

O cachorro deu uma dentada tão forte no pulso de dona Dalva que a dentadura dela saltou para fora da boca, como um sapo fugindo de uma panela de água quente. Kaio se livrou dos dedos nodosos que prendiam seu pé e correu sôfrego na companhia de Amanda. Os dois alcançaram a nossa calçada num instante. No meio do turbilhão confuso de acontecimentos, olhamos para o cachorro e percebemos algo estranho. Ele mastigava alguma coisa sem parar, parecia estar gostando muito, o que quer que aquilo fosse. Com um arrepio na espinha, esperando encontrar em sua boca algo muito nojento ou tenebroso, abaixei para olhar mais atento e vi o que ele tinha feito de brinquedo mordedor. Apesar de tudo, quase tive vontade de rir: era a dentadura de dona Dalva.

Toda essa sinistra cadeia de eventos se deu numa questão de poucos minutos e teve seu desfecho quando Juan gritou a plenos pulmões ao entrar em casa:

— MÃÃÃÃÃÃÃÃÃE! A velhinha da frente é uma assassina de cachorros!

4. O desfecho

O que aconteceu depois eu não lembro ao certo. Juan, Amanda, Kaio e eu ficamos impressionados demais com a experiência para assimilar os detalhes. A polícia local descobriu que dona Dalva era na verdade uma criminosa foragida e famosa, conhecida como Madame Vira Tripa, que sempre mudava de cidade quando suas atividades eram descobertas. Ela se mantinha por meio da venda de guloseimas produzidas com carnes suspeitas. Chegaram a dizer que em alguns lugares ela realizou rituais assustadores, em circunstâncias asquerosas.

Juan guardou a dentadura como troféu. Escondido, é claro. O raciocínio dele fazia todo o sentido, pelo menos para um garoto de 7 anos. Quantas pessoas por aí podem encher a boca e dizer que possuem a dentadura que pertenceu a uma velhinha assassina em série de animais? Juan pode.

Amanda passou alguns dias reclusa em seu quarto, mergulhando nos livros para esquecer um pouco toda a loucura.

Depois de um tempo, ela superou o ocorrido e chegou até a comentar que num futuro próximo escreveria um livro sobre Dona Dalva, a velhinha assassina.

Kaio e eu passamos dias de pura melancolia. A gente se torturava só de pensar, em silêncio, que provavelmente tínhamos comido pedaços do

nosso próprio cachorro desaparecido. Esse pensamento me dava náuseas e insônia. Demorei muito a dormir nos primeiros dias.

No final das férias, quando a poeira tinha abaixado, retornamos à casa de Juan para curtir os últimos momentos. Após um cansativo dia de peripécias no quintal, uma dúzia de mangas chupadas, joelhos arranhados e pés pretos de sujeira, voltamos para casa ao anoitecer. Era um sábado e as aulas retornavam na segunda.

Logo após momentos assim, de divertimento e distração, a memória sobre Boy voltava a nos cobrir com um manto invisível de tristeza. Abri o portão da frente e entrei em casa com passos arrastados, seguido por Kaio. Minha mãe estava na sala, radiante. Parecia ansiosa para anunciar algo. Talvez a gente tivesse ganhado na loteria.

— Advinha quem voltou?! — falou, retirando-se de lado e revelando Boy, nosso cão desaparecido, inteiro, saudável e feliz.

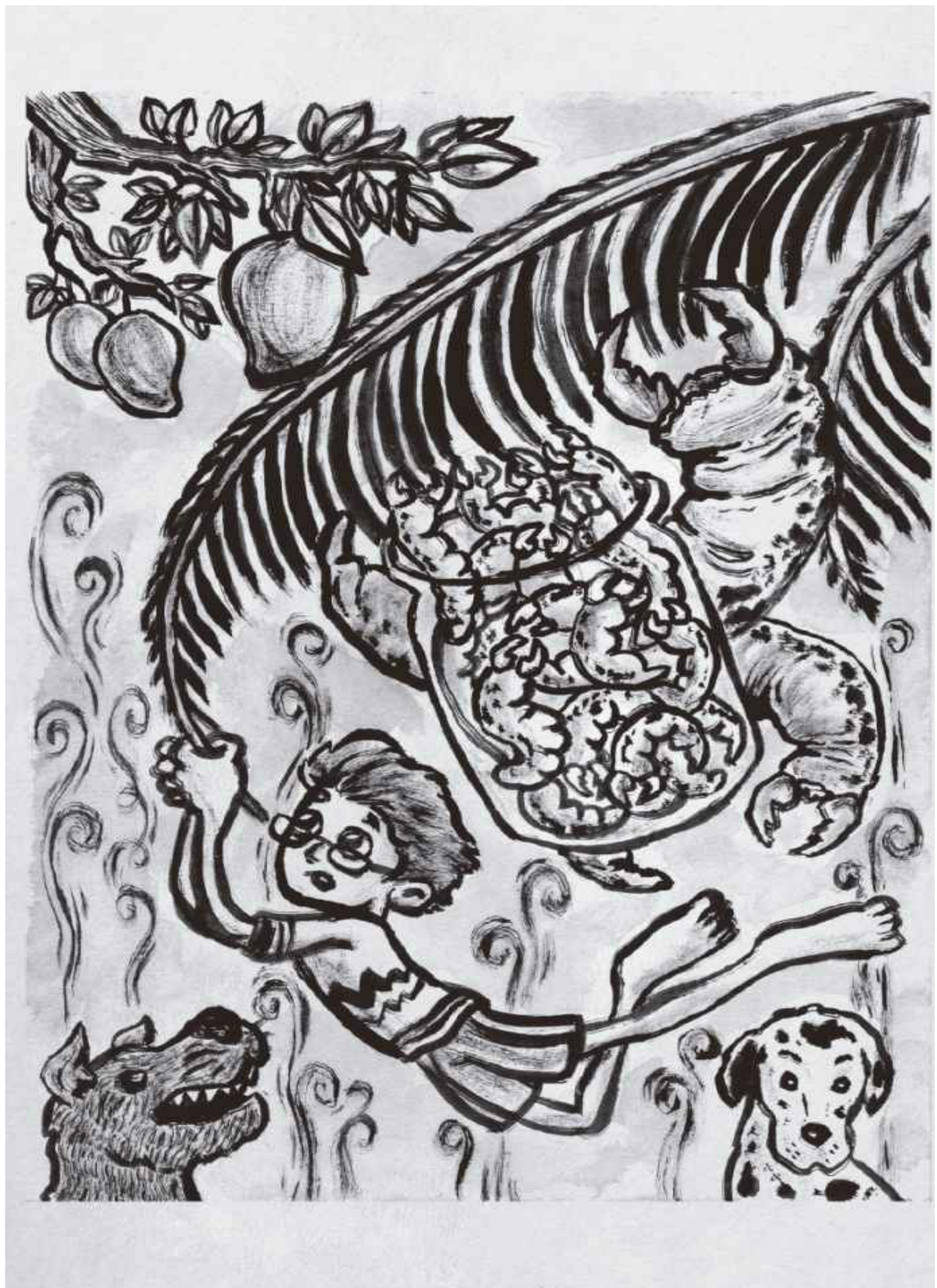
Não dá pra saber quem pulou em cima de quem primeiro, mas o momento foi de uma felicidade pura, a mais verdadeira possível. Enquanto as lágrimas desciam pelo meu rosto, Boy lambia cada uma delas, como se quisesse me consolar, derretendo aquele restinho de tristeza com o calor de seu afeto canino. Kaio e eu vibramos, elétricos e eufóricos, o retorno do nosso amigo.

— Ele deve ter ido longe demais, encontrado algum cão andarilho e se perdido por aí. Demorou um bocado, mas acabou conseguindo nos achar — disse minha mãe.

Pouco nos importava as aventuras que Boy tinha passado, nós só queríamos curtir ao máximo a presença dele. Ganhamos uma autorização extraordinária para dormir tarde, mesmo com o retorno próximo das aulas, e entramos a madrugada colocando a diversão em dia.

Boy nunca mais desapareceu. Aproveitamos sua companhia e amizade por mais alguns gloriosos anos. Vivemos outras tantas aventuras com ele, igualmente perigosas, mas isso é assunto para uma outra história.

Ah... A bomba de fedor? Depois de toda a confusão que aconteceu naqueles dias, nós nunca mais nos lembramos dela. Talvez a bomba ainda esteja lá até hoje, fermentando, guardadinha em nosso “esconderijo à prova de mãos”.





A ARMA DO
VELHO

— De Repente, vocês ouvem alguns sussurros estranhos saindo da gruta logo à frente. Não eram sons humanos. Um sibilar de cobras e alguns guinchos enlouquecidos. Eles parecem vir de longe, como um eco distante. Mas seu volume está subindo, anunciando um mal oculto nas sombras dessa caverna. Algo que se aproxima aos poucos. Vocês acabaram de escapar da Floresta dos Tormentos Eternos com vida... E voltar para ela é uma possibilidade insana! Um perigo misterioso se avizinha enquanto a luz da terceira Lua Vermelha ilumina a entrada da gruta, quando de repente...

— Ah não! Você não para de mandar monstro atrás da gente! Meu personagem ainda tá todo machucado, mancando da perna esquerda, com a espada quebrada... Isso porque é um bárbaro, imagine se fosse um personagem fraco — interrompeu Kaio, meu irmão.

— Sem falar no meu mago, que já está quase sem energia para conjurar feitiços! É para enfrentar os bichos na mão? — apoiou Moreno, meu amigo e vizinho.

— Eu falei desde o início... Um dos dois precisava escolher um necromante. Invocar criaturas ajudantes viria a calhar bastante na travessia do Vale dos Arcanjos Caídos. Mas vocês não me escutam! Agora vão sofrer as consequências — falei, justificando a história que eu narrava para os dois jogadores.

Eu levava muito a sério os RPGs, também conhecidos como jogos de imaginação. Bastava uma folha de papel, um lápis e um par de dados para as nossas cabeças fervilharem, aventurando-se em mundos paralelos, habitados por dragões e caçadores de aventura. Para um garoto de óculos, franzino e sem nenhum traquejo com a bola de futebol, o RPG era um esporte sagrado. Por sorte, meu irmão e um punhado de amigos me acompanhavam nesse estranho gosto. O pessoal mais descolado do colégio preferia a temida brincadeira do copo, ou mesmo a da lendária *Big Loira*, enquanto a gente passava um bom tempo montando aventuras imaginárias no calor do improviso. Eu assumia o papel de narrador, também conhecido como mestre, bolava o enredo, os objetivos e inseria os personagens que os jogadores escolhiam. Magos, ladrões, arqueiros, paladinos e mais uma série de papéis para uma trupe completa de guerreiros. Pela responsabilidade de contar a história e tocá-la para frente, lidando com as escolhas de todos e suas consequências, eu levava bastante a sério o meu papel. Eu não tinha pena de fazer um personagem perder a mão em uma luta difícil, se fosse pelo bem da

história.

— Vocês têm duas possibilidades: ou entram na gruta oculta e encaram o desconhecido que nela vive ou retornam para a Floresta dos Tormentos Eternos e terminam a missão que vocês abandonaram para se salvar. É simples — retomei, enfático.

— Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come... Beleza, eu voto por entrar na gruta. E você, Moreno?

— É o jeito. Vamos nessa!

Na hora em que eu ia revelar o habitante oculto da caverna, um sujeito de barba enorme entrou no quarto em que a gente jogava. Era Marcos, meu tio e padrasto de Moreno. Trinta e poucos anos, professor de Literatura e um leitor voraz de histórias de fantasia. Ele era casado com a mãe do garoto, Patrícia, uma cantora que também amava viajar por mundos imaginários. A casa deles vivia cheia de discos de vinil, violões e instrumentos exóticos. A música funcionava como um portal colorido para um lugar encantado, longe da rotina cinzenta do dia a dia. Eu adorava a atmosfera que aquele lugar tinha.

— Vamos, meninos, é hora de encarar uma aventura de verdade — Marcos falou, enquanto enrolava na mão direita a coleira de seu cachorro, Zeca. Na verdade, Zequinha era de todos nós. Tinha passado pela minha família quando era apenas um bebê e agora morava na casa deles.

Apesar da interrupção do jogo, nós adoramos o chamado. A tarde chegava ao fim, mas ainda poderíamos aproveitar a última hora de sol. Aos gritos de euforia, partimos para a rua: Kaio, Moreno, Marcos, Zequinha e eu. O passeio especial ocorria toda semana e funcionava como o nosso pequeno ritual de estimação. Saíamos pelas ruas do bairro, explorando as localidades mais improváveis e escondidas. Às vezes íamos longe, cruzando de um bairro para o outro. Todo lugar desconhecido e ao alcance dos nossos pés era um alvo potencial da nossa sede exploradora. Marcos era o nosso guia e mentor. Ele tentava nos controlar para que nenhum de nós saísse da calçada, invadisse a rua ou coisa parecida. Bom, ele nos controlava tanto quanto crianças de sete e oito anos podem ser controladas em situações do tipo. Por sorte, fora um joelho ralado aqui e um dedão do pé sangrando acolá, nunca aconteceu um incidente grave... Até esse dia.

— Agora me escutem! Escalem essa calçada para alcançar a Fonte da Sorte que fica lá em cima, no batente superior. Boa! Agora olhem ali... É um

pé de jambo! Quer dizer... — tossiu, engrossando a voz — É um *Jamborium*, árvore cujo fruto mágico concede a quem comê-lo uma proteção espectral contra os mais diversos tipos de fantasmas. Estão esperando o quê?! Vão catar os frutos! — Marcos seguia nossos passos, recheando o passeio com desafios reais, amarrados a uma história que ele inventava na hora. Como se fosse um jogo de imaginação em movimento, em que ele era o Mestre e o professor de Educação Física ao mesmo tempo.

— Consegui pegar três! — falei, erguendo os jambos à vista de Kaio e Moreno.

— Eu peguei três também — falou meu irmão.

— Ah, não vale, eu só peguei um! — disse Moreno, batendo o pé no chão e fazendo zanga.

— Tenha calma, Moreno. Eu vou te dar um e Kaio te dá outro. Tá aqui, tome. Kaio, dê um dos seus para... Kaio? — olhei ao redor e não vi mais o meu irmão.

— ZECA SE SOLTOU! — gritava meu irmão, já longe. — Marcos entrou naquele beco atrás dele!

Eu me virei para pegar Moreno, que era mais novo que a gente e inspirava mais cuidados. Para a minha surpresa, o garoto estava em cima do muro de dois metros do terreno baldio que ficava próximo à árvore.

— Caraca, Moreno! O que você tá fazendo aí em cima?! Ficou maluco?!

Ele olhou para baixo, trêmulo:

— Eu me apoiei na árvore e subi pra ver se no terreno tem mais jambo. Mas aqui é muito alto! Eu vou cair!

— Tenha calma que eu vou te ajudar a descer, ok? Não precisa ter medo — Kaio já tinha sumido na tentativa de ajudar Marcos em sua caça a Zeca. Alguém tinha de ficar e ajudar Moreno. Impressionante como os problemas às vezes surgem todos na mesma hora, num piscar de olhos. Enquanto eu escalava a árvore para alcançar o topo do muro, escutei um grito e um baque.

— Aaaaaai!

— MORENO?! Você tá bem?!

— Tô! Acho que sim... Minha perna tá toda ralada. Caí em cima de uns pneus velhos.

— Espere um pouco, porque eu vou tirar você daí! Alcancei o topo do

muro a tempo de ver o cachorro que guardava o terreno partir a corrente que o prendia e correr para cima de Moreno. O animal tinha um rosnado alto e nervoso, parecia estar faminto. Nós poderíamos virar seu lanche da tarde facilmente.

Saltei o muro e caí nos pneus. Puxei Moreno, que estava sem ar e imóvel de tanto pânico. Começamos uma correria cega. Essa é uma das verdades que eu levo para a vida: quem nunca correu de um cachorro feroz não sabe o que é correr de verdade. A fuga pareceu mais uma corrida de obstáculos. Tropeçamos em privadas quebradas, pulamos sofás velhos e desviamos de cacos de garrafas de vidro. Com muito esforço, atravessamos aquele terreno hostil, escapando de seu guardião, mais hostil ainda. Quase deslizando pelo chão de terra batida, conseguimos nos agachar e passar pelo último vão da cerca de arame farpado que circundava o lugar. Mesmo lá fora, continuamos correndo, por via das dúvidas. Quando olhei para trás, diminuí o passo: a corrente do cão ficara presa na cerca e ele tentava se soltar, ainda latindo, ainda sedento por arrancar um pedaço da gente.

— Ufa, essa foi por pouco.

— É... Foi mesmo.

— Acho que nunca me arranhei tanto na vida.

— E tudo por um punhado de jambos maduros demais. — Vocês falaram em jambos? — ecoou uma voz estranha, logo atrás de nós.

Quando viramos para averiguar, lá estava um homem alto, de olhos grandes e rosto retangular. Não sei por que, mas algo em sua expressão me lembrava um lagarto.

— Sim! A gente tava catando alguns, só que aí a gente subiu no muro e aí a gente caiu e tinha um cachorro no terreno e aí... — falou Moreno, atropelando as palavras.

— Já chega, Moreno. Fique quieto. E o senhor, quem é? — atalhei a conversa.

— Opa! Que falta de educação a minha. Mil perdões! Eu sou o Joaquim. E por acaso sou um comprador de jambos da região. Vocês estariam interessados em fazer negócios?

“Comprador de jambos”!? Algo não cheirava bem. Eu tinha oito anos, mas era maduro o suficiente para entender que era improvável a existência de pessoas perambulando nas ruas querendo comprar jambos de crianças perdidas. O sujeito parecia simpático, tinha o cabelo penteado, as roupas

alinhadas. Ainda assim, minha desconfiança começava a subir a níveis alarmantes. Rezando para que ele não notasse, eu olhava furtivamente para os lados, na busca de outros adultos, mas o lugar estava deserto.

— Olha, senhor Joaquim, nós não queremos nada do senhor. Dá licença que nós estamos com pressa... — puxei Moreno, fingindo coragem. Na verdade, algo na minha barriga borbulhava. Eu estava tão gelado quanto um picolé.

Sem mais nem menos, o sujeito segurou meu braço:

— Tenham calma, para que tanta pressa? Vamos conversar. Vocês estão perdidos? — Ele sorria, mas seu rosto parecia ser feito de porcelana.

Foi então que a ficha caiu. Nós estávamos ali, sozinhos, à mercê daquele estranho mal-intencionado. O jeito era entrar na onda e esperar uma oportunidade de fugir. Tentando soar verdadeiro, arrisquei:

— Sim, estamos perdidos. E pensando bem, vender jambos parece uma boa ideia. Nós temos muitos, não é, Moreno? — Tem seis aqui — falou o garoto, enquanto fuçava os bolsos de sua bermuda folgada.

— Que maravilha! Vamos até a minha casa. É aqui pertinho. Vou pegar o dinheiro e vocês aproveitam para lanchar na cozinha — falou o homem, com um sorriso cínico.

Segurando a mão de Moreno, comecei a seguir Joaquim, rezando em silêncio para todo o panteão católico que tinha em mente. Nossa Senhora, Santo Anjo do Senhor, Santo Antônio, enfim, qualquer um que pudesse nos acudir naquela enrascada iminente.

Olhei para trás por acaso e vi se aproximando outro sujeito, muito mais assustador que o nosso atual guia. Ele tinha uma barba que passava do peito e os cabelos desgrenhados, selvagens como a juba de um leão. Suas roupas eram coloridas, rasgadas e se acumulavam em camadas, fazendo um molde no corpo magrelo do estranho. Seus olhos pareciam estar enterrados em seu rosto seco e bronzeado. O nariz era enorme, lembrava uma raiz de mandioca. Usava um chapéu de palha surrado e um saco de pano preto que ele trazia amarrado nas costas, o que completava o visual dele. Tinha algo guardado na bolsa esfarrapada, mas não dava para saber o que era. O esquisitão se aproximava sem pressa na nossa direção.

Joaquim não notou a presença do homem e se sentiu confiante para andar olhando somente para a frente. A nossa oportunidade de escapar tinha chegado. O único problema era aquele velho do saco complicando nossa fuga

improvisada. “*Se ficar o bicho pega, se correr o bicho come*”, pensei.

A alguns metros à frente pude ver um grande buraco na calçada. Parecia uma infiltração subterrânea ou algum tipo de erosão causada por chuvas. Na verdade, era uma minicratera, cabia um homem adulto ali dentro. Cabia um homem adulto chamado Joaquim.

Apressei o passo e me aproximei dele. Esperei pacientemente o momento certo e passei-lhe a melhor rasteira que pude, bem na beira do buraco. Ele se desequilibrou e pendeu o corpo para a abertura no chão, mas, fazendo um esforço que lhe fez saltar uma veia na testa, conseguiu se manter de pé e com todos os ossos inteiros. Quando pensei em dar as costas e correr, o infeliz já estava me puxando pela camisa.

— Cooooorre, Moreno!

O menino correu, mas acabou sendo pego pelo outro maluco, o velho do saco.

Quem diria, depois de tantas aventuras por aí, iríamos acabar assim, perdidos e impotentes.

Enquanto eu tentava me livrar de Joaquim, vi que o senhor com juba de leão estava cochichando algo no ouvido de Moreno, enquanto fazia um gesto pedindo que ele aguardasse ali. Fiquei confuso, e o desespero de me libertar impedia melhores deduções.

— Largue o garoto agora, miserável! Senão... — o velho do saco falou, em alto e bom som.

— Senão o quê, palhaço?!

— Você vai acabar me obrigando a usar minha arma. A coisa vai ficar feia pro seu lado — avisou o velho, enquanto dava alguns tapinhas na saca de pano preto em suas costas.

Joaquim hesitou por um instante, analisando suas chances.

— Eu vou contar até cinco... — o velho continuou provocando.

Foi nesse momento que fui arremessado para frente e caí, ralando os joelhos. Joaquim tinha virado fumaça, sumiu tão rapidamente quanto tinha aparecido.

— Oi, garoto, você está bem?

— Tô sim, só ralei os joelhos.

Moreno correu e me abraçou.

— Esse miserável não vai mais assustar vocês. — Obrigado. Como é o nome do senhor?

— Eu me chamo Bartolomeu dos Santos. Vivo por aqui na região, entre praças e becos, aqui e acolá.

— Qual arma o senhor tem nesse saco? Pelo tamanho deve ser uma metralhadora.

O velho riu um riso solto, leve.

— Não, não. Vou mostrar a vocês, esperem.

Desatou a corda que enrolava a saca e foi retirando de dentro uma viola tão maltrapilha e gasta quanto seu próprio dono.

— Essa é a Ivone, minha viola, minha maior arma. Ela mata a solidão, mata o tempo, mata o tédio, mata tudo que é de ruim... Todo lugar precisa de um artista, ou melhor, de um louco. Nessa região sou eu que desempenho esse papel, e com orgulho. As pessoas às vezes têm medo de mim. Às vezes têm pena. Às vezes, nojo... Eu já tive casa, emprego, esposa e filhos. Mas a vida foi acontecendo e hoje em dia minha casa não tem paredes e meu teto é um céu forradinho de estrelas. Muitos acham que sou louco de verdade. Não tem problema, eu até gosto de ser chamado assim. Talvez eu seja mesmo um pouco. Mas não contem pra ninguém, certo? — sorriu, dando uma piscadela para mim e para Moreno.

Depois de contar onde ficava a casa de Marcos a Bartolomeu, ele nos levou até lá sem muitas dificuldades. O músico era realmente uma espécie de autoridade da região. Trocamos muitas ideias, experiências e piadas durante o caminho. Bartolomeu narrava os acontecimentos mais trágicos da sua vida tocando e cantando músicas de sua própria autoria. Em alguns versos ele alteava a voz, estufando o peito em pose retumbante, enquanto descrevia momentos de triunfo. Em outros, cantava tristezas e infortúnios, sussurrando. Durante todo esse show particular eu me senti mergulhado em sua história, feito um peixe no oceano. Um pensamento não desgrudava da minha mente: *“Marcos precisa conhecer esse cara, eles vão se dar muito bem”*. Ao chegar à casa de Moreno, paramos em frente ao portão e gritei:

— Marcoos! Chegaaaaamos!

Deu para ouvir o alvoroço dentro da casa. Após um retinir metálico de chaves, Marcos apareceu tropeçando nos próprios passos:

— Graças a Deus, meninos! Minha nossa, eu já estava aqui morrendo de aflição, sem saber mais o que fazer... — de dentro da casa também vieram correndo Zequinha e Kaio.

— Pois é, foi por pouco. Se não fosse pela ajuda de Barto... — olhei

para o lado, procurando o músico, mas não havia ninguém além de Moreno.

— Ué, Moreno, cadê ele? — sussurrei.

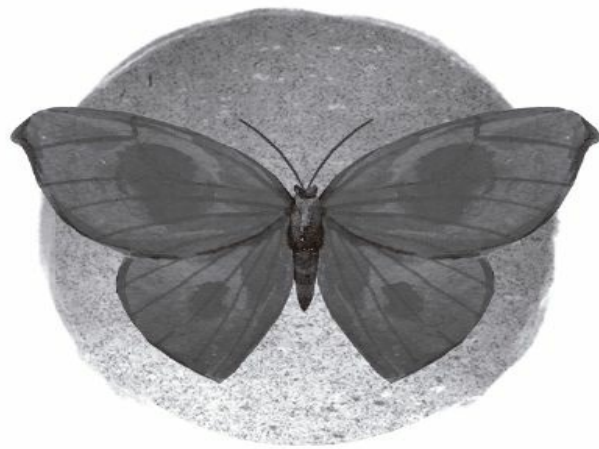
— Eu não sei, também não vi. Sumiu.

Marcos pareceu não entender nossa surpresa e perguntou: — Mas então, aconteceu alguma coisa ruim?

Eu sorri, passando a mão na cabeça de Moreno, alisando seus cabelos bagunçados. Do outro lado, Zeca lambia minha mão melada de jambo, com o carinho desesperado dos cachorros. Respondi sem pressa, feliz:

— Não, apenas alguns arranhões nos joelhos...







TEM UM
DINOSSAURO
MORANDO
AQUI

1. Viagem ao sítio

Dormir na casa de um amigo é a melhor coisa que pode acontecer a uma criança de nove anos de idade. Mas naquele fim de semana ensolarado de fim de verão, seria ainda melhor. Quando minha mãe desligou o telefone, deu a notícia a mim e a Kaio, meu irmão:

— Vão arrumar as coisas de vocês. Nós vamos passar alguns dias no sítio do avô de Felipe, lá em São Cristóvão.

Gritos de alegria, pulos e socos no ar. A euforia inundou nosso quarto, Felipe era nosso melhor amigo. “Vamos para o sítio... Vamos para o sítio... Vamos para o sítio...”, Kaio não parava de cantarolar baixinho. Já estávamos chafurdando no caixote abarrotado de brinquedos e cacarecos quando minha mãe voltou, parando na porta do quarto:

— Ah... Nada de levar porcarias e tralhas, hein? Peguem as bolsas do colégio e coloquem só o essencial, três ou quatro brinquedos. Já estou preparando a mala com a roupa de vocês.

— Sim, senhora — respondemos.

Pegamos as mochilas e abrimos todos os bolsos delas. Aproveitamos cada espaço, por menor que fosse. Nós tínhamos muitas coisas essenciais para uma expedição como aquela. Coloquei minha coleção sagrada de

dinossauros, uns doze répteis de plástico. Também não poderia ficar de fora o meu álbum do Chocolate Surpresa, cheio de figurinhas de feras jurássicas. Para completar o espaço apertado coloquei meu boneco favorito, um bárbaro todo surrado, de capacete esquisito e pele esverdeada. Alguns gibis também disputaram o amontoado, e, claro, meu caderno de desenhos. Esperei meu irmão fechar a mochila dele e fomos até a sala colocar as tranqueiras no sofá. Em seguida, minha mãe veio conferir se a tarefa fora feita:

— Por que sua bolsa está tão cheia? — perguntou para mim, abrindo o zíper e descobrindo a família dinossauro inteira que se aninhava ali — Meu Deus, para aonde você vai com tanto lagarto?

— Mãe, por favor, são meus dinossauros. Felipe vai levar os dele também, tenho certeza.

A ideia de essencial é radicalmente diferente para crianças e adultos. Ela deu um suspiro de impaciência, fechou o zíper e partiu para outras tarefas.

Era difícil explicar com palavras o que os dinossauros significavam para mim. Ainda muito cedo, quando ensaiava as primeiras palavras e frases escritas, eu já havia descoberto que monstros gigantes viveram em nosso planeta, há milhões de anos. Essa noção arrebentou as portas da minha imaginação para um mundo de fantasia possível, um mundo que vai bem além das coisas reais e cotidianas. A partir dali eu passei a desenhar, colecionar e estudar tudo que era relacionado ao reino daqueles majestosos lagartos pré-históricos.

Meu pai apareceu na sala, girando a chave do carro no dedo:

— Todo mundo pronto? Eu vou levar vocês.

Minha mãe saiu do quarto dela, colocou as duas malas que segurava no chão e falou com meu pai como se estivesse falando comigo ou meu irmão:

— Pelo amor de Deus, preste atenção para não deixar o fogão aceso ou o ferro de passar ligado, hein? É só um final de semana, não destrua a casa.

Meu pai riu, sugerindo que ela ficasse despreocupada, pois ele era distraído, mas nem tanto.

“É sim”, sorri e pensei comigo. Entramos no carro e partimos.

2. A chegada

O sítio era um pedacinho de paraíso. Com duas ou três casas próximas, o povoado era calmo e aconchegante. A casa de Seu Messias era simples e parecia estar sempre em construção. O que faltava de cor na alvenaria sobrava na flora ao seu redor. Algumas mangueiras vistosas, mamoeiros carregados e um punhado de cajueiros que esperavam sua época de florir. Para além das cercas do sítio, o limite era o horizonte. Uma área livre, a perder de vista, sem cercas, casas ou seres humanos. Apenas uma grande encosta de geografia acidentada, com morros e pequenos penhascos, forrada pela vegetação árida, de arbustos espinhosos e gramíneas urticantes. O céu limpo abria passagem para um Sol selvagem e convidativo. Chegamos cedo, no início da manhã. O dia era todo nosso e iríamos usar cada minuto com toda energia do mundo.

Assim que meu pai se despediu, entramos no sítio que já estava de portas abertas para nos receber. Helena, a mãe de Felipe, tinha um sorriso largo no rosto e veio logo nos abraçar. Felipe veio em seguida, fazendo o mesmo, já despejando vários detalhes sobre o lugar, uma palavra atropelando a outra. A mãe interrompeu para apresentar a tropa de crianças que tomava café na mesa da sala. Manuela era prima de Felipe e aparentava ser bem tímida. Já sua irmã, Carol, era pequenina, de uns cinco ou seis anos, e trazia

um brilho traquino no olhar. Parecia um grão de milho prestes a virar pipoca. Ceci era maior que todos nós, em altura e idade. Tinha por volta de onze anos. Talitha, irmã mais nova de Felipe, era a única que não estava na mesa com os outros. Seguiu uma trilha de formigas que subia por uma das paredes da sala.

Após o café da manhã, enquanto fazíamos uma fila indiana para escovar os dentes na lavanderia, um senhorzinho entrou no sítio trazendo algumas mandiocas debaixo do braço.

— Ô de casa! Dona Helena, como vai?

— Oi, Seu Arnaldo! Tudo bem, graças a Deus! E o senhor? Essas mandiocas são pra gente, é?

— São sim. Pra dar de comer a esse monte de menino.

— Muito obrigado. Entre, venha tomar um cafezinho. Passando pela sala pude ouvir um pedaço da conversa

que o carismático senhor tinha com nossas mães.

— O senhor tá parecendo mais magro, mais abatido. Tá tudo bem?

— Pois é. Tenho andado meio triste, sabe? Meu cachorro sumiu faz uns três dias. Ô que saudade daquele sarnento. A gente só sabe quando perde. Era Titela o nome dele.

— Mas ele pode estar por aí passeando pelo mato, caçando calangos, quem sabe?

— Acho difícil, ele sempre volta rápido, no mesmo dia. Dessa vez, não.

A trupe já se encontrava reunida no varandão lateral da casa, planejando do que brincar primeiro. Percebendo a indecisão do grupo, propus:

— Galera, tive uma ideia! Vamos sair numa expedição de resgate. O cachorro do vizinho está desaparecido há três dias e pode estar perdido pelas matas da redondeza. O que me dizem?

Todos concordaram e fomos aos preparativos. Felipe arrumou uma mochila com nosso kit básico de sobrevivência: um pacote de biscoitos *cream cracker*, um rolo de papel higiênico e um desodorante. As meninas apareceram em seguida. Ceci segurava uma bolsa que continha o próprio kit delas. O que tinha lá permanece um mistério até hoje.

Todos prontos, abrimos o portão e partimos.

3. Um lugar sinistro

Em poucos minutos de caminhada o suor já deixava nossas testas brilhantes. O chão era pedregoso e às vezes precisávamos arrancar alguns galhos para poder avançar mata adentro. Os arranhões eram constantes, e a gente já nem ligava. Nem mesmo a nossa pequenina mascote, Carol. A geografia irregular nos obrigava a escalar em alguns locais e a pular de certas alturas em outros. A todo momento ouvíamos o barulho de coisas rastejando rapidamente para longe, diante da nossa presença.

— Olhem lá no alto! — Disse Ceci, apontando para os urubus, que voavam em círculos ao longe. — É pra lá que nós vamos!

A garota tomou a dianteira e, dali em diante, se tornou nossa guia. Esbanjando doçura, carisma e firmeza, Ceci era uma líder natural.

Caminhamos alguns metros até uma clareira. No centro do descampado havia uma pequena casa abandonada, cercada por arame farpado enferrujado. O aspecto do lugar era sinistro e decadente; as paredes eram cobertas por musgos e limo. O bando de urubus que sobrevoava o teto da propriedade deixava o ambiente mais assustador ainda. Senti que havia algo em franca decomposição lá dentro.

Após o susto à primeira vista, Ceci seguiu firme e entendemos que

esse era o comando. Com bastante cuidado passamos um a um pelos fios de arame farpado, deixando um pedaço de bermuda aqui, uma tira de camisa ali. Na ponta dos pés nos aproximamos da casa, que estava com a porta escancarada. A única a não entrar foi Carol, que ficou lá fora torcendo por nós. Dentro, o cheiro que senti embrulhou meu estômago, e os cabelos da minha nuca se arrepiaram, como se eu tivesse levado algum tipo de choque.

E na verdade eu tinha: restos de um cachorro jaziam já na entrada. Talitha e Manuela taparam os olhos. Felipe e meu irmão se abraçaram na esperança de que a união os protegeria do mal que havia assolado aquele lugar. Ceci olhava ao redor em busca de pistas do que poderia ter acontecido ali. Após alguns instantes que pareceram uma eternidade, Carol, ainda lá fora, deu um grito agudo, a plenos pulmões. Era incrível o som que aquele corpo tão pequeno e franzino era capaz de produzir. O barulho revelou moradores do local que ainda não tinham se apresentado. Arrancados de seu sono diurno, abandonaram o telhado de madeira velha e avançaram sobre nossas cabeças. Eu nunca havia visto tantos morcegos na minha vida. Dessa vez a histeria foi generalizada, mas Ceci conseguiu manter um fiapo de autocontrole e nos arrebanhou para fora da casa. Felipe colocou Carol nas costas e saímos em disparada para longe dali. Vinte minutos e muitos cortes e arranhões depois, chegamos ao sítio.

— Carol... Arf... por que você deu aquele grito? Eu disse para você não olhar para dentro da casa — falou Ceci, tomando fôlego. Todos estavam jogados no varandão, estirados em esteiras de palha ou nas redes armadas entre as pilastras.

— Eu não gritei por causa da casa. Eu gritei porque eu vi um bicho no mato.

— Um bicho no mato? Como assim? Era o quê?

— Eu não sei, ele tava de costas, mas era um bichão! Era bem grandão assim, ó! — Carol gesticulava, mas não conseguia deixar claro que animal poderia ser.

— Mas parecia com o quê, qual animal? Lobo, gato, tatu?

— Era um bichão meio verde, meio cinza, com rabo grandão... Com uma... — Carol interrompeu a fala e catou algo do chão. Ela pegou um dos meus dinossauros de plástico que eu tinha deixado cair na varanda — Era um bicho desse aqui, bem gigante! Acho que era um dinossauro!

4. O sobrevivente perdido

Para encerrar as emoções daquele dia agitado, jantamos todos juntos à mesa, os cotovelos disputando o espaço apertado. Mas o cheirinho de café recém-passado junto à luz fraca, que amarelava ligeiramente o interior da casa, tornava o ambiente caseiro mais aconchegante. Éramos sete crianças famintas dividindo mandioca cozida, cuscuz de milho, carne de sol e ovos mexidos. Por experiência própria, as mães tinham preparado comida suficiente para um batalhão inteiro.

Após devorar o jantar, a trupe se espalhou pela casa. As meninas foram para o quarto e os garotos ocuparam o varandão. A luz do lado de fora também era fraca, mas não impedia que a gente desenhasse. Deitados de bruços, abrimos os cadernos e começamos a traçar as primeiras linhas. O silêncio que inundou o ambiente só era ferido pelo som dos grilos e dos grafites rabiscando os papéis. Meu irmão interrompeu nossa concentração:

— Velho, que coisa maluca. Como assim Carol viu um dinossauro?!

— Vai saber... Esse local é bem isolado da civilização, coisa e tal.

— Sim, mas os dinossauros foram extintos há milhões de anos...

Fiz uma pausa e cocei a cabeça. Admirado, olhei para a imensidão escura do céu noturno. “*O universo é infinito e a Terra é só uma bolinha de pingue-pongue*”, pensei.

— Certa vez eu li sobre uma teoria meio louca. Acho que foi em algum gibi. E se nem todos os dinossauros foram extintos? E se alguns deles sobreviveram, escondendo-se dos humanos em lugares isolados como esse? — respondi.

— Até que faz sentido — ponderou Kaio.

— Pois é. E se for verdade mesmo, nós estamos prestes a fazer uma gigantesca descoberta científica! — Felipe parecia empolgado.

— Mas a gente é criança, ninguém vai acreditar em nada. Por isso precisamos de provas! Precisamos capturar essa criatura!

— E o Titela, o cachorro de Seu Arnaldo?

Baixamos a cabeça um instante, melancólicos, considerando a possibilidade de o pobre cachorro ter sido uma vítima da criatura misteriosa.

— Bom, a esperança é a última que morre, né? Vamos continuar procurando por ele também.

Desenhamos durante um par de horas, perdidos no tempo e no espaço. Nós sequer percebíamos a presença dos vários besouros rola-bosta que nos cercavam, pousando aqui e ali, atraídos pela luminosidade amarelada.

Ao final da noite, os cadernos estavam cheios de desenhos. Dinossauros, animais estranhos e criaturas bizarras. Nossas mentes eram povoadas por seres dos mais variados tipos e tamanhos. Assim como a maioria das crianças, também tínhamos fascínio por monstros, porque eles simbolizavam o desconhecido. E o desconhecido pode ser bem assustador às vezes. Ir sozinho à padaria pela primeira vez, fazer um teste muito importante, participar do primeiro campeonato esportivo. Todo mundo sente um frio na barriga e um arrepio na espinha, porque são coisas que também nos assustam. Pensar, criar e desenhar monstros é a primeira forma que a gente tem de se preparar para a vida.

Desenhamos tanto que não percebemos o sono chegar. Estirados no chão, nossas mães tiveram de nos carregar para as camas.

5. O que tem na cisterna

Com o café da manhã tomado e o papo sobre o suposto dinossauro devidamente debatido, partimos novamente. Dessa vez, Ceci decidiu mudar o percurso. Iríamos descer por outro caminho, para explorar o outro lado da encosta.

Após algum tempo de caminhada entre os arbustos, avistamos ao longe algo que destoava da vegetação. Era um brilho metálico, que riscava o verde acinzentado da paisagem: um trilho de trem. Ao chegar lá, nos rendemos à tentação de seguir seu caminho sinuoso, sem saber ao certo aonde iríamos parar.

Caminhamos, caminhamos, e quando o cansaço bateu, caminhamos um pouco mais. O Sol castigava nossas cabeças e as pernas já demoravam a responder.

— Vamos parar — comecei.

— Acho que a gente fez besteira — falou Talitha.

— Eu não... Tô... Conseguindo... Falar direito... Como vamos voltar?
— emendou Kaio.

O desespero começou a tomar conta de todos nós. Tínhamos exagerado na distância percorrida. Fomos andando sem objetivo, seguindo os trilhos, na esperança de encontrar algo que nem ao menos sabíamos o que

era.

Ceci tinha sumido e reapareceu de repente, com um largo sorriso no rosto:

— Ei! Venham ver o que eu encontrei!

Corremos até uma pedra gigante e branca, do tamanho de uma casa pequena, enterrada no chão da encosta. Do topo dela jorrava uma água cristalina e límpida, algo lindo de ver naquela temperatura. Era uma bica. Após um momento de surpresa, todos atacaram a água. Bebemos e lavamos nossos rostos, mãos e pés. Brincamos de guerra com a água que não parava de jorrar; a brincadeira mais refrescante de todos os tempos.

Enquanto todos se divertiam, puxei Felipe para compartilhar uma visão que eu acabara de ter. Um pouco distante dali, algo se movia entre os arbustos. Chegamos cada vez mais perto, bem devagar, sorrateiros como se estivéssemos tentando pegar uma mosca. E a cada centímetro a visão ficava mais nítida: a cabeça enorme de um réptil cinza esverdeado fuçava a ossada do que parecia ser mais um cachorro. O possível dinossauro talvez fosse realmente um dinossauro.

Pisei em um galho seco e a criatura nos viu de relance. Em questão de segundos, virou seu longo corpo escamoso e deixou o local, fazendo sua calda lambar as folhagens ressequidas ao redor.

Ficamos algum tempo absorvendo aquela visão, sem dizer nenhuma palavra. Mesmo com a barriga formigando de medo, tomei iniciativa e fui até a ossada deixada para trás pelo animal. Era grande a quantidade de ossos que jazia ali. Se eram mesmo de um cachorro, ele deveria ser imenso. O crânio estava destruído em pequenas partes, mas consegui recolher o que acreditei ser a metade de uma mandíbula e guardei no bolso lateral da mochila. Aquele pedaço de osso serviria como um troféu, uma pequena homenagem ao meu paleontólogo interior. Enquanto eu fazia a coleta, Felipe compartilhava com o pessoal o que havíamos encontrado. A empolgação foi geral e aos poucos reunimos forças para retornar ao sítio.

Chegamos para o almoço discutindo várias teorias, possibilidades mirabolantes e tudo que nossas cabeças eram capazes de produzir sob o efeito da adrenalina do momento. Não tínhamos mais dúvidas, havia um dinossauro morando na região.

Enquanto na mesa disputávamos carne de sol, farofa, arroz e purê de batatas, Talitha, como de hábito, seguia com o olhar distraído um grupo de

formigas que subia na parede da sala. Minha mãe e Helena assistiam o jornal na televisão.

Alguns minutos depois, quando a comida já havia trocado as panelas pelas nossas barrigas, Talitha surgiu na cozinha. Ela parecia ansiosa:

— Acho que aqueles cachorrinhos não foram comidos pelo dinossauro, como a gente pensava.

Todos se voltaram para ela, atentos.

— Acabei de ver no jornal que está tendo um surto de uma doença com nome esquisito aqui na região. Acho que é calazar, ou algo assim. Um mosquito pica o cachorro e o coitadinho acaba morrendo algum tempo depois.

— Mas e o dinossauro? A gente o encontrou próximo a uma ossada.

— Pois é, mas quem disse que foi ele que matou o cachorro? — a pergunta de Talitha deixou todos pensando por um momento. Sem mais nem menos, começamos um debate acalorado. O interessante da cena era como defendíamos nossos pontos de vista, supostamente científicos, do alto do nosso conhecimento de Ensino Fundamental.

Percebendo a confusão, Helena acudiu e perguntou o motivo daquela agitação toda. Tomamos fôlego e contamos sobre tudo: as ossadas de cachorro, os urubus e o dinossauro misterioso que rondava a região.

— Misericórdia! — ela arregalou os dois olhos e levou a mão à boca. — Ainda bem que hoje é o último dia aqui, sabe lá Deus como vocês sobreviveram... — e ficou refletindo um tempo sobre o que os filhos faziam bem debaixo dos narizes das mães, sem que elas tivessem a menor ideia de nada.

Recobrando a consciência da situação, ela continuou:

— Certo. Vejamos. Um dinossauro? Que conversa mais maluca é essa? Não tem dinossauro nenhum por aqui.

Cobrimos ela com uma enxurrada de argumentos como resposta. Todos nós estávamos muito alvoroçados, buscando um desfecho para todo aquele mistério absurdo.

— Venham comigo, vamos falar com Seu Arnaldo.

Seguimos até a casa do vizinho, que nos recebeu calorosamente. Entramos em seu sítio e fiquei admirando a bela horta que era vigiada por galinhas que ciscavam ao redor.

— Seu Arnaldo, os meninos estão dizendo que viram um monstro...

— DINOSSAURO! — corrigimos juntos, em uma só voz.

— ...Um dinossauro nessa região. O senhor sabe. Aqueles bichos enormes que pareciam lagartos e tal — Helena corrigiu. Seu Arnaldo coçou a cabeça e deu uma risada de canto de boca.

— Rapaz, eu nunca ouvi falar disso não. Mas venham cá dar uma espiadinha na cisterna.

A cisterna era uma grande caixa circular feita de tijolos e cimento. A maioria das propriedades da região possuía uma, pois era o melhor jeito de armazenar água para os períodos de estiagem.

— Quando ela tá seca, eu uso para criar esses bichinhos aqui. Botem a cabeça e espiem — falou, enquanto removia a tampa solta do reservatório sem água.

Quando coloquei a cabeça para olhar, fiquei maravilhado e assustado ao mesmo tempo. Disputando o espaço circular, tinham ali quatro lagartos enormes. Eles permaneceram indiferentes à nossa intromissão.

Antes que começasse a enxurrada de perguntas, o velho se adiantou:

— Esse bicho escamoso aí é o famoso teiú. A redondeza aqui é cheia deles. Esses daqui ainda são jovens, não chegam a um metro de tamanho. Mas tem amigo meu que já viu teiú com mais de dois metros e meio, coisa grande mesmo, de assustar até boi. Eu botei esses aqui para comerem os bichos pequenos, besouros, mosquitos, enfim, pra deixar a cisterna limpa. Quando der o período de chuva eu vou soltar os quatro na encosta aí do lado.

“Dois metros e meio”. Este número não saía da minha cabeça. Um lagarto com dois metros e meio de comprimento. Praticamente um dinossauro! A explicação de seu Arnaldo, junto à notícia que Talitha tinha ouvido, encerrava o suspense sobre as ossadas dos cachorros e sobre a criatura gigante em uma tacada só. Os cães tinham sido vítimas do surto de calazar, e o dinossauro era apenas um teiú lendário que cresceu selvagem e livre na natureza. Ficamos no sítio do velho até o fim da tarde, correndo atrás das galinhas e escalando uma frondosa e carregada goiabeira. Helena chamou minha mãe e as duas sentaram-se para prostrar com Seu Arnaldo. Passaram um café preto e debulharam as horas restantes de sol, entre risos e causos, aguardando o cansaço vencer a energia daquelas sete crianças imaginativas.

6. Alguns anos depois

Passei a infância sonhando em ser paleontólogo. Certa vez, passei alguns dias na praia com minha família. Catei tantas conchas que consegui encher uma caixa de sapato. Eu as separava por formato e cores, imaginando se alguma daquelas seria pré-histórica. Quando visitava lugares no campo, costumava catar e colecionar insetos mortos, fabulando histórias em que eles eram grandes achados do passado.

O pedaço de mandíbula de cachorro que eu retirei daquela ossada perto da bica ficou um bom tempo comigo. Escondido, é claro, embaixo da minha caixa de brinquedos. Era um item que eu gostava de guardar pela lembrança daquela aventura. Mas, algum tempo depois de uma descoberta sinistra, acabei me desfazendo dele.

Tudo aconteceu enquanto eu estava no meu quarto, de bobeira, folheando meu novo livro de ciências. Lá pela metade, na parte de anatomia humana, achei um desenho muito detalhado de um crânio humano. Algo na ilustração deteve meu olhar. No início, eu não soube identificar o motivo. Contudo, ao olhar atentamente para a região da mandíbula desenhada, tive um arrepio seguido por um frio na barriga. Uma sensação de estranhamento, um misto de nojo e confusão tomou conta de mim. Não parei para pensar, apenas me levantei, fui até o esconderijo, peguei o osso e, sem dar ao menos

uma última olhada, saí de casa e o enterrei longe dali.

O mais esquisito é que não lembro onde enterrei. Como se minha mente tivesse sumido de propósito com esses arquivos de memória. Talvez seja melhor assim.





UM PORTAL NO
QUINTAL

Eu cresci lendo quadrinhos de super-heróis. Alguns personagens dessas histórias conseguiam se tornar invisíveis e realizar coisas fascinantes. Logo, em algum momento da infância, eu também desejei possuir tal superpoder. Desejei com todas as minhas forças de criança franzina. E se meu desejo tivesse se realizado na época, vovô nunca teria me visto entrar com um pintinho recém-nascido em casa.

Eu morava acima da casa dele, com meus pais e irmão. Para subir até lá, precisaria passar por ele, que apanhava o sol do restinho da tarde, sentado em seu banco de praça de estimação. Vovô passava a maior parte de seus dias ali, acompanhando o vai e vem dos passantes, velando a nossa rua como se ela fosse uma filha, como se ela fosse alguém. Os moradores que passavam por lá já esperavam a famosa saudação de Seu Messias, como ele era conhecido. “Opa, fulano! Como vai seu pai? Sua vó tá boa?”. E recebiam sempre uma resposta calorosa. O hábito zeloso lhe rendeu o apelido de síndico do bairro.

— Vai pra aonde com esse pintinho? — vovô perguntou, quando me viu entrando de fininho.

— Ah... Oi, vovô. Eu achei ele perdido, perto da padaria. Deve ter fugido de algum sítio, aqui perto. Se eu deixasse o pobrezinho lá, ele morreria.

— Hum... Me dê aqui.

Ele segurou o bebê e o encarou por algum tempo. Depois, olhou para mim e tive a impressão que ele tinha algo a dizer, alguma coisa importante. Encarei seus olhos de relance e, naquele instante, percebi como eles sempre pareciam aquosos e cinzentos, profundos como um mar. Foi então que ele deu um sorriso tímido e permaneceu em silêncio, enquanto me devolia o pequeno animal.

Tomei o filhote nas mãos, pedi a benção e subi correndo. Trancado no banheiro, a salvo de olhares adultos, me concentrei no estado do animal. Ele estava inteiro, sem ferimentos. Como puderam abandonar aquela coisa tão pequenina no meio da rua? Fechei as mãos ao redor dele, imitando um ninho ou as asas de sua mãe, e assim pude sentir o calor de seu pequeno corpo. Foi ali que, aos sete anos de idade, eu tive um vislumbre do que é estar vivo. Aquele conjunto de penas, carne e ossinhos estava quente e pulsava como um coração. Ele olhava para mim e piava baixinho, como se implorasse a misericórdia de um deus. Eu realmente me senti um deus quando notei que

poderia fechar as mãos com força e decidir que ele não merecia mais viver. Com um arrepio na espinha, afastei o pensamento ruim e o acariciei.

Ele fechou os olhos e pareceu feliz por alcançar um pouco paz em sua breve e confusa existência. Eu não lembro ao certo o porquê, mas senti que aquela situação era de uma beleza rara. Eu o tinha encontrado, dentre tantas pessoas que passavam por ali. Isso deveria significar algo. Senti, então, um calor no peito, uma quentura boa que foi se espalhando pelo meu corpo, e tive vontade de chorar. E chorei. A vida daquele pintinho dependia por completo de mim, e eu lutaria por ela. O primeiro desafio já batia à porta do banheiro: minha mãe.

— André, já terminou o dever de casa? — Ainda não, mainha.

— Saia já daí e vá terminar.

— Sim, senhora. Tô saindo.

Dei descarga para disfarçar, guardei com cuidado o animal no bolso da bermuda e saí correndo para o meu quarto. Assim que eu o coloquei em cima da cama, o pintinho começou a piar. Corri e fechei a porta, mas pelo visto era tarde demais.

— Que barulho é esse aí? — minha mãe perguntou da sala.

— Nada, mainha! É só um barulho no videogame.

— Mas você não disse que ainda estava fazendo a lição de casa? Como é que está com o videogame ligado?

Pode-se até conseguir enganar um pai, mas não se engana uma mãe por mais de alguns minutos. Nunca. Todas elas são naturalmente detetives: sentem, intuem e farejam a verdade a quilômetros de distância. A minha tinha acabado de me encurralar. Resignado, abri a porta do quarto e a chamei.

— A senhora pode vir aqui ver uma coisa?

Foi aí que joguei baixo, apelando sem dó ao coração mole dela. Declamei uma ladainha de súplicas, argumentando que criar o pequenino seria ideal para que eu me tornasse um garoto mais responsável. Adotá-lo seria uma experiência para a minha formação como ser humano e blá, blá, blá. Eu tinha visto alguém falando algo parecido num jornal da TV. Lembrei na hora e reproduzi, sem ao menos saber ao certo o significado do que estava falando. O drama funcionou, e ela cedeu. Prometeu levar o pedido de adoção do bicho ao meu pai, assim que ele chegasse do trabalho. Eis aí a etapa mais complicada.

Depois de alguns minutos de conversa, usando os meus argumentos

sobre responsabilidade — fiquei orgulhoso de mim mesmo — ele também amoleceu. Minha mãe veio falar comigo:

— Está decidido. Agora ele só precisa de um nome. Qual vai ser?

Eufórico com toda aquela novidade, nem tinha parado para pensar nisso. Pensei um pouco e me veio à mente um desenho do Pernalonga, em que o coelho encenava a clássica ópera “O Barbeiro de Sevilha”. Eu adorava aquele episódio.

— Vai se chamar Fígaro! Fííí-ga-ro... Fígaro... Fígaro... Fígaro...Fííí-ga-roooo!

As tardes depois da escola se tornaram muito mais divertidas. Fígaro me seguia por todo lado, não importava aonde eu fosse. Dormia comigo, bebia água no meu copo e bicava meu prato de cuscuz. Eu virei uma mamãe galinha gigante.

O que eu mais gostava de fazer, quando encerrava meus deveres de casa, não era jogar videogame, era descer até a casa de meus avós e brincar em seu quintal. Minhas primas moravam numa casa nos fundos que circundava o lugar. O quintal virava uma festa da bagunça com uma lista de brincadeiras infundável, em que o limite era a criatividade. E agora tínhamos Fígaro para completar.

Assim como a frente da casa e o banco de praça que lá ficava formavam o território de estimação do meu avô, o quintal era o santuário da minha avó, um lugar onde ela colecionava natureza. Dona Margarida, como era conhecida, dedicava a maior parte de seus dias ao trato das plantas e do solo. Tanto carinho tornava o pequeno espaço um verdadeiro coração da região, verde e vivo. O quintal tinha um cheiro de coisa orgânica, um frescor de vida brotando. Ele exalava uma aura natural que lembrava terra úmida, recentemente revirada. A sensação quando se entrava nele era de que uma chuva estava por cair.

Mas assim como a natureza, o quintal também escondia seus mistérios e perigos. Disputando o espaço entre as plantas, lá também havia toda sorte de coisas velhas, aposentadas pelo tempo e pela ferrugem. As partes de uma machadinha enferrujada decoravam uma das paredes, escondidas pelas folhas de uma samambaia. Em outra, alguns arames emaranhados enrolavam pedaços de madeira, provavelmente restos de algum sofá destruído. A natureza viva tornava o lugar mágico e as coisas abandonadas e escondidas nos cantos o deixavam perigoso. Um contraste exótico.

E assim seguiram duas semanas de pura felicidade, na companhia inseparável de Fígaro. Certo dia, num sábado de manhãzinha, enquanto eu assistia desenhos, o pintinho decidiu passear sozinho pela casa. Eu sabia que todo mundo estava dormindo, então não havia muitos problemas. Depois de quase meia hora, comecei a estranhar a sua ausência por um tempo tão prolongado. Levantei e fui procurá-lo.

Levei alguns minutos procurando e, quando o desespero já começava a inundar meu peito, tive uma visão difícil de esquecer. Fígaro estava deitado numa posição estranha no chão da sala, atrás do sofá. O primeiro pensamento que tive foi que seres vivos não ficavam naquela posição desconfortável, pelo menos não assim, imóveis. Com o coração quase saindo pela boca e sem querer acreditar no que eu já sabia, toquei nele. O ar sumiu de repente dos meus pulmões, e meu corpo inteiro paralisou. Levantei Fígaro e tive um arrepio na espinha ao perceber que seu pequeno corpo estava mole e frio. De pernas bambas, fui até o quarto de minha mãe. Com a porta aberta, ela acordou com o barulho do meu choro ao pé da cama. Levantou-se, tomou o corpo do bichinho das minhas mãos e me deitou na cama, onde meu pai ainda dormia.

Entre soluços desesperados, eu balbuciava palavras sem sentido, procurando algum culpado pela morte de Fígaro. Como ele poderia ter morrido assim, do nada, sem mais nem menos? Isso era inaceitável. Alguém precisava levar a culpa! Eu precisava ter raiva de alguém, nem que fosse de mim mesmo.

Com muita paciência, minha mãe passou um bom tempo me convencendo de que às vezes as coisas simplesmente acontecem, sem que nós saibamos exatamente o porquê. Ela me explicou que nem tudo que acontece na vida possui um culpado, nem tudo possui um sentido aparente. Pintinhos morrem. Assim como cachorros ou gatos, ou qualquer outro ser vivo. Talvez ele tivesse engasgado com alguma coisa que apanhou no chão, talvez ele sentisse tanta falta de sua mãe verdadeira que seu corpo não resistiu. Não dá para saber. Eu precisaria aceitar isso. Depois de um choro exaustivo e com a ajuda do acalento de minha mãe, consegui me acalmar. Decidimos, então, colocar o pequenino em uma caixinha e enterrá-lo no quintal de minha avó. A tarde estava fria e o céu se fechava em nuvens que pareciam ser feitas de chumbo. O pequeno funeral durou pouco tempo. Ao pé de uma roseira, fiz uma pequena cova e coloquei a caixa dentro. Nunca tinha

enterrado algo antes, e subi com uma sensação estranha no corpo. A vontade de chorar havia passado e eu me sentia atordoado. Aproveitei o barulho gostoso de chuva caindo no telhado e fui dormir embalado pelo cansaço daquele dia sinistro.

Acordei no meio da madrugada com o estrondo de um trovão. Meu irmão roncava na cama ao lado e a escuridão do quarto era invadida de vez em quando pelos raios da tempestade que caía lá fora. Meu corpo estava descansado, mas eu precisava voltar a dormir. Apanhei meu relógio na cabeceira e vi que ainda faltavam horas para amanhecer. Aquilo era desesperador. Fechei os olhos e tentei evitar que as lembranças daquele dia invadissem minha mente. Meu peito começou a doer, como se tivesse um peso em cima dele. Depois de um tempo revirando na cama sem encontrar uma posição confortável, comecei a suar. Algo estava deixando meu corpo elétrico, mas eu não sabia ao certo o quê. Tentava não pensar em Fígaro, mas não conseguia. Então, desisti; parei de bruços e deixei uma torrente de pensamentos mórbidos correr. Fígaro estava vivo hoje pela manhã e agora jazia dentro de uma caixa, enterrado no quintal. Toda aquela chuva pesada molhando o coitadinho... E os vermes! Será que os vermes já estavam tomando conta dele? Fígaro não merecia isso. Eu não podia deixar ele lá sozinho, vulnerável a todas essas coisas terríveis. Senti uma culpa profunda, o peito não parava de pesar. Eu tinha de fazer alguma coisa, mas o quê?! Um trovão estrondou tão forte que me arrepiei. Saltei da cama e num transe febril coloquei um casaco sobre a cabeça: eu ia encarar a chuva para salvar Fígaro. Foi uma loucura momentânea, eu sei, mas na hora eu senti que devia fazer isso.

Fui até os fundos da minha casa, no andar de cima, e do parapeito olhei para baixo: lá estavam o telhado da casa de minha tia e o quintal da minha vó. Coloquei a perna direita por cima da mureta e, bem devagar, passei a outra perna por cima também, dando um pequeno salto. Caí em pé, feito um gato, no telhado de minha tia. Chovia sem parar, mas as telhas não estavam escorregadias. Andei na ponta dos pés até a borda do telhado e olhei para baixo. Uma altura de mais de dois metros me separava do chão. Fiquei de cócoras e, meio sem jeito, fui colocando as pernas para fora, deixando-as penduradas na tentativa de diminuir a altura e pular. Naquele momento um relâmpago rasgou o céu, e o clarão me distraiu. Acabei puxando uma das telhas sem querer, e daí tudo aconteceu muito rápido. Caí com o corpo

girando para trás, e no movimento minha calça de moletom ficou presa numa espécie de varal feito de arame farpado. As coisas não podiam piorar: eu estava ensopado, no meio de um temporal com relâmpagos e trovões, pendurado de cabeça para baixo, a dois metros do chão.

Eu respirava com dificuldade, sentindo o desespero de estar sem saída. Não podia me mexer, com medo de a calça não aguentar e minha cuca rachar no chão. Também não podia gritar por ajuda... Imagina a encrenca que essa situação ia gerar para o meu lado! Aos poucos todo o sangue do meu corpo foi descendo para os braços e cabeça. Comecei a ficar tonto, enquanto minha visão escurecia. O frio começava a doer nos ossos e os pingos do toró pareciam ferir minha pele de tão pesados. A essa altura eu nem lembrava porque estava ali e já pensava se ia sobreviver até o fim dessa madrugada infernal.

Foi então que algo muito estranho aconteceu. Uma linha de luz começou a se alastrar do chão para cima, a uns cinco metros à minha frente, como se uma fenda se abrisse no mundo escuro que meus olhos atordoados enxergavam. Era como se a escuridão estivesse sendo rasgada e o formato do rasgo era retangular. A luz foi começando a ficar cada vez mais forte até que preencheu todo o recorte aberto pela fenda. Seria isso um portal? No meio da luz apareceu um vulto completamente escuro, num formato difícil de distinguir. Parecia ser um homem. Seria um fantasma? Um *alien* viajando por buracos no espaço-tempo? Eu estava tonto e meu queixo batia convulsivamente de tanto frio. A forma foi aumentando de tamanho, e só então percebi que ela vinha em minha direção. Fechei os olhos e esperei. Quando os abri novamente, percebi que estava no chão, de pé, com um buraco no meu moletom. Levantei a cabeça e reconheci a figura do meu avô.

— Venha.

Ele tomou minha mão e me levou para dentro de casa. O portal na verdade era a porta que dava para a cozinha da minha vó. Sem falar nada, meu avô me deu uma toalha, um pijama seco e apontou para o banheiro. Saí de lá aliviado, aproveitando a sensação de estar de pé, seco e respirando. Sentei no sofá, onde ele me esperava com uma expressão que eu não sabia decifrar.

— Como o senhor sabia que eu estava lá?

— Eu adivinhei.

— Sério?

— Claro que não. Você quebrou uma telha, não foi? Vi os pedaços no chão.

— Ah, sim! O barulho...

Cocei a cabeça e olhei confuso para ele.

— O senhor não vai perguntar o que eu estava fazendo? — Eu já sei.

— E como o senhor sabe? Adivinhando também?

— Dessa vez, sim. Mas não é questão de adivinhação. Eu sabia que você viria atrás do pintinho morto.

— Como o senhor sabia?

— Porque você sempre foi um menino curioso, perguntador das coisas. Como acontece isso, por que acontece aquilo... O animalzinho morrer sem explicação deixou você bem mal. Sua mãe me disse.

— É verdade... Eu ainda não entendo.

— É assim mesmo. Tem coisa que acontece porque tem que acontecer. Viver é um mistério.

Olhei nos olhos dele e percebi novamente como eles sempre pareciam aquosos e cinzentos, profundos como um mar.

Fomos para a mesa da cozinha; enquanto eu comia um pão com manteiga, meu avô passava um café. Aquele cheiro fresquinho vindo do coador foi uma verdadeira injeção de ânimo. Bebericamos o líquido e conversamos bobagens. O café descia quente e eu aos poucos voltava a me sentir bem. Era como se duas grandes mãos se fechassem ao meu redor, como se eu estivesse me aconchegando em um ninho.





Eu e Kaio,
meu irmão



Amanda,
Regina e Juan



Zequinha
e Kaio



Eu, minha mãe,
meu pai e Kaio



Eu, minha mãe,
Patrícia, Moreno,
Marcos e Kaio



Eu, Talitha,
Felipe, Ceci,
Kaio, minha mãe,
Carol, Manuela,
Messias e Helena



EU E MEU AVÔ



EU E MINHA VÓ



O QUINTAL

